

Saicã 372

Pedro Ferraz
2018-2019

CIP - Catalogação na Publicação

Ferraz, Pedro
Saicã 372 / Pedro Ferraz. -- 2019.
156 f.
Orientador: Teresinha Barachini.

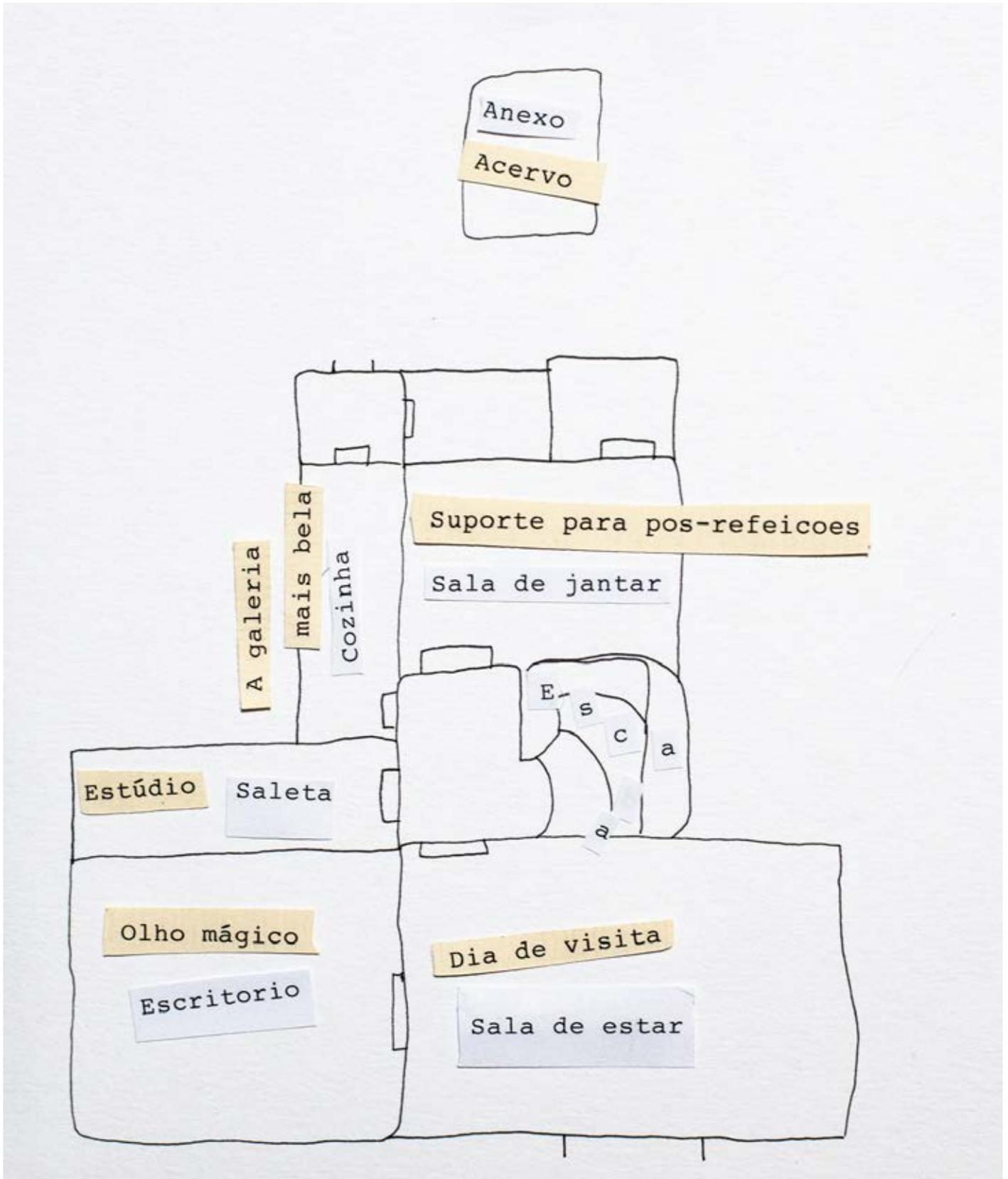
Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,
BR-RS, 2019.

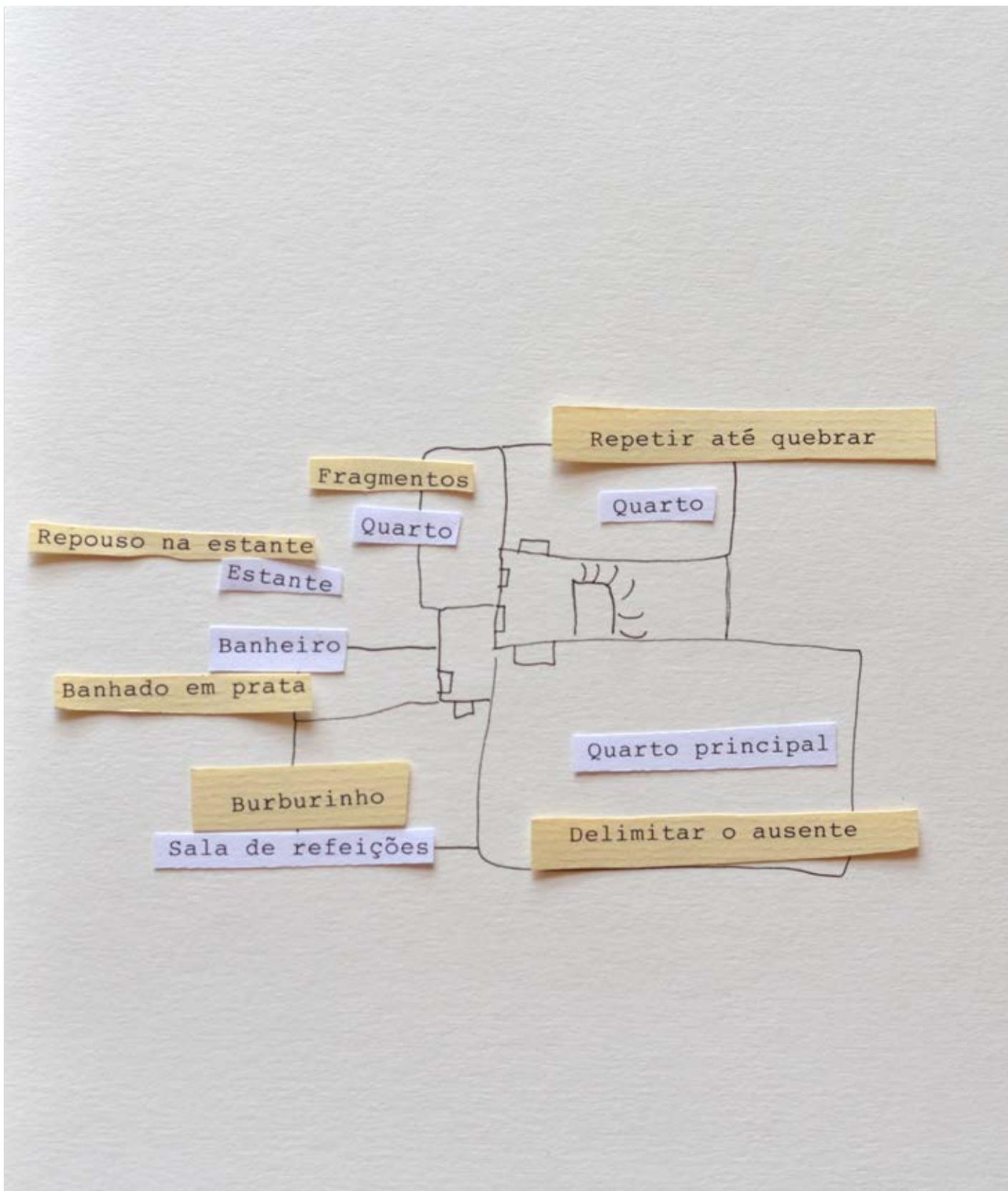
1. Residência Artística. 2. Casa. 3. Memórias. 4.
Fotografia. 5. Instalação. I. Barachini, Teresinha,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).



Este trabalho é resultado de um processo de residência artística de aproximadamente três meses (outubro, novembro e dezembro de 2018) em uma antiga casa vazia e posta a venda, localizada na rua Saicã, nº 372, em Porto Alegre, que pertenceu aos meus bisavós. Dentro deste período de residência realizei instalações artística nos cômodos da casa. Estas instalações e seus assuntos estão divididos entre a percepção da casa em si e as diferentes aproximações, os espaços de habitar e de interações, a fragilidade das memórias e a potência dos sons, dos objetos e da fotografia enquanto imagem e a fragilidade das memórias que insistem em permanecer em mim.

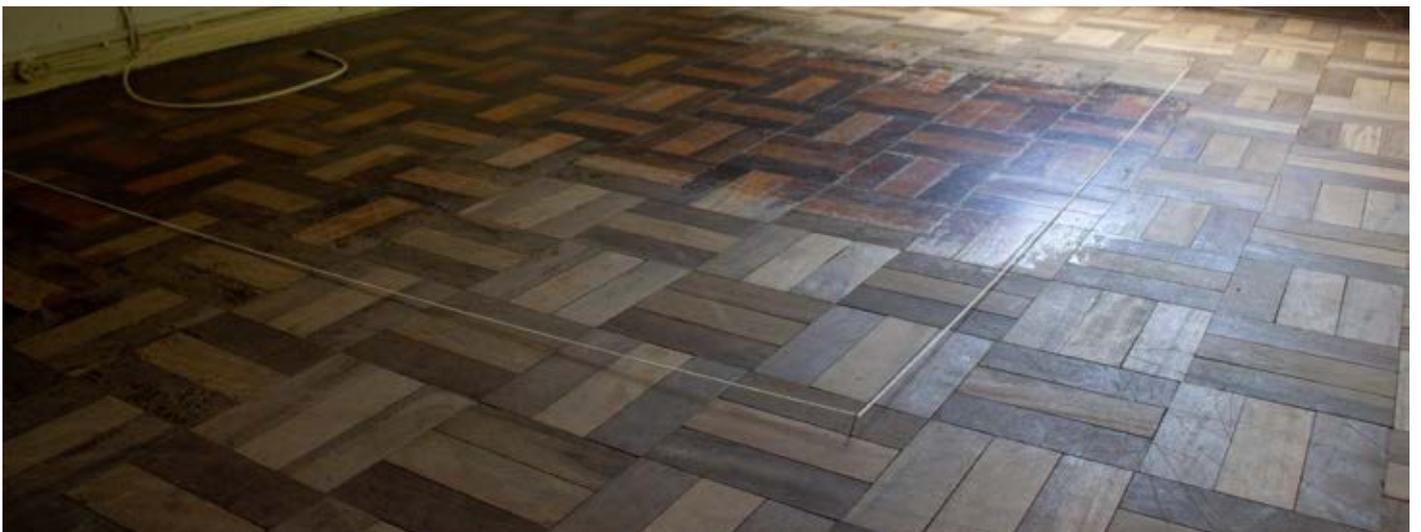






Delimitar o ausente











Suporte para pos-refeições







Burburinho



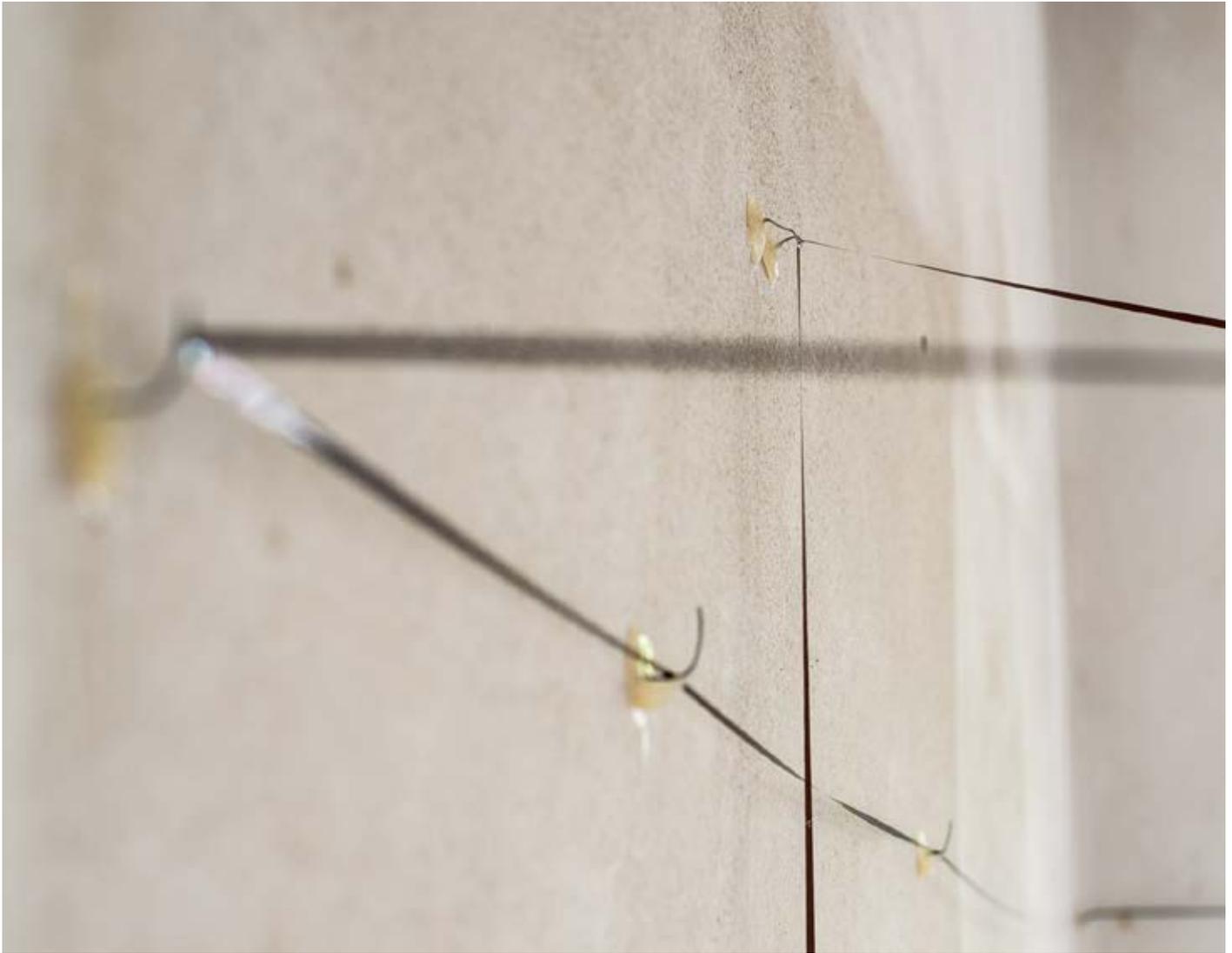




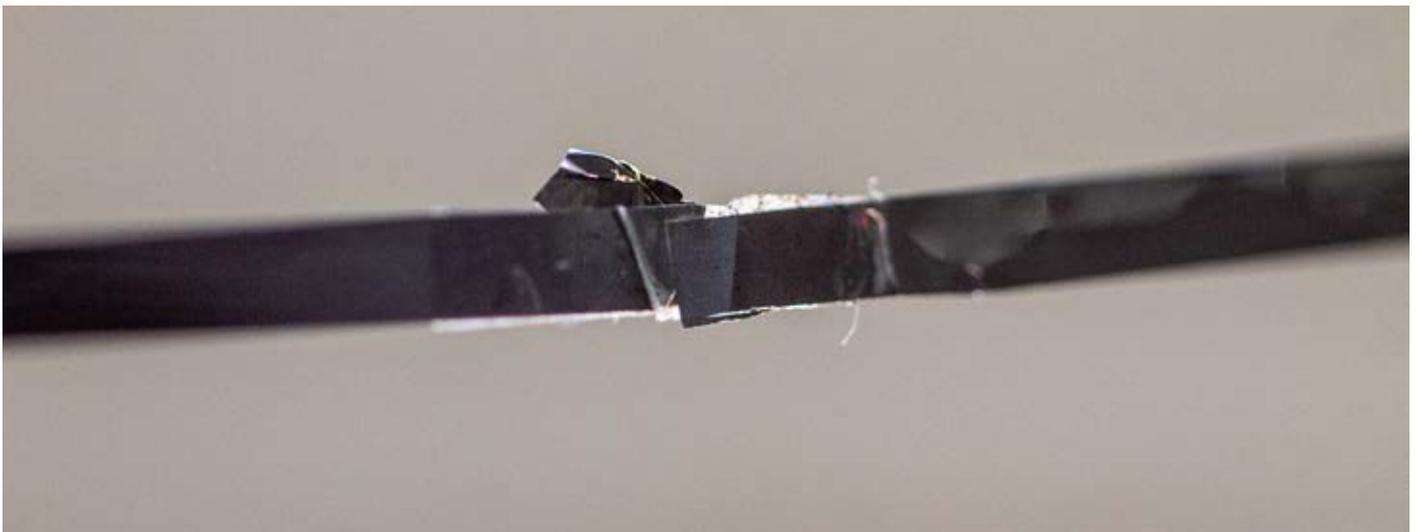
Repetir até quebrar

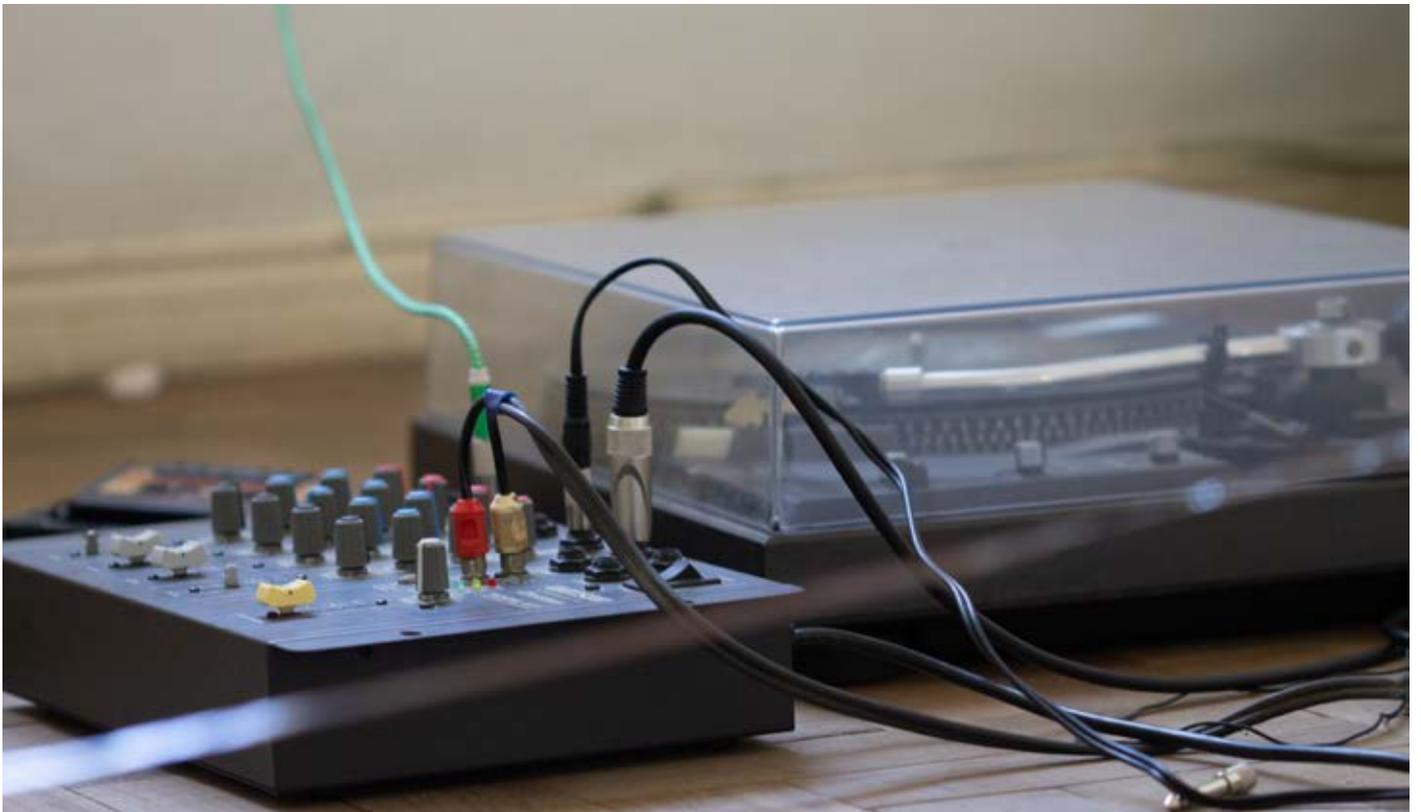


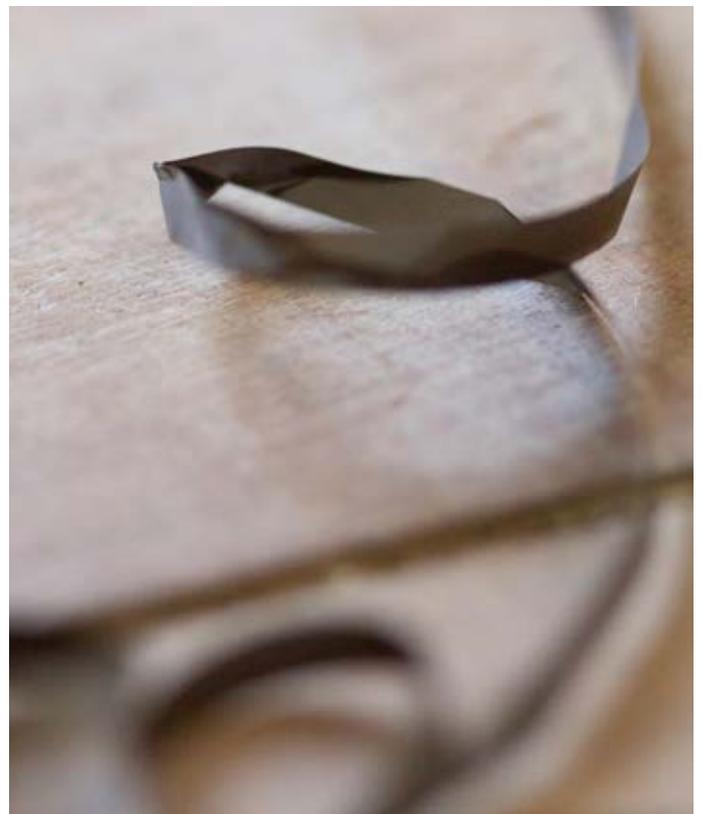


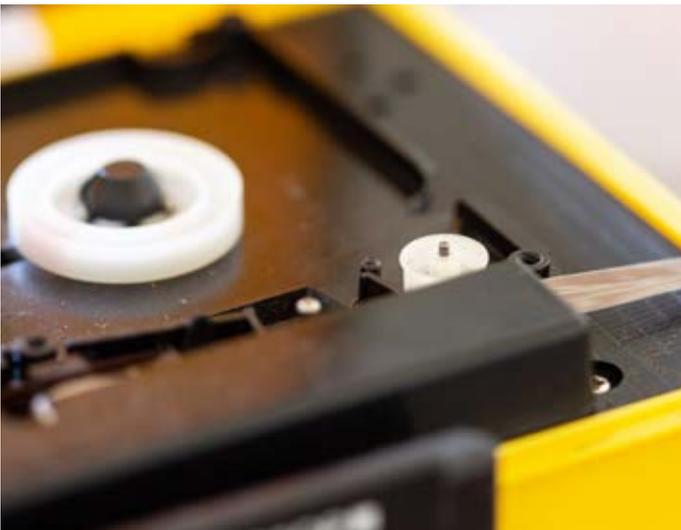
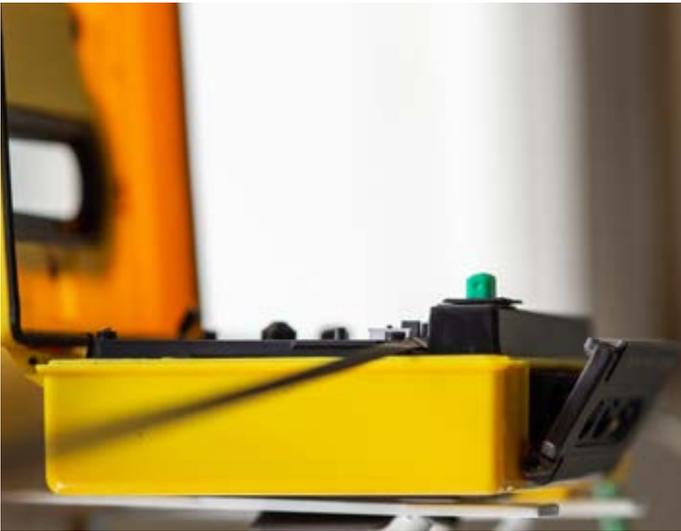






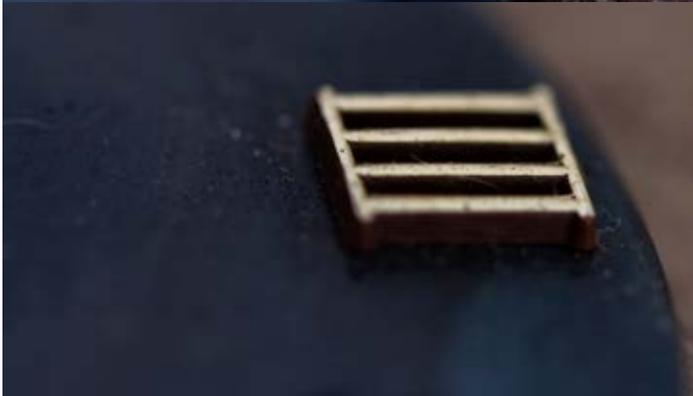






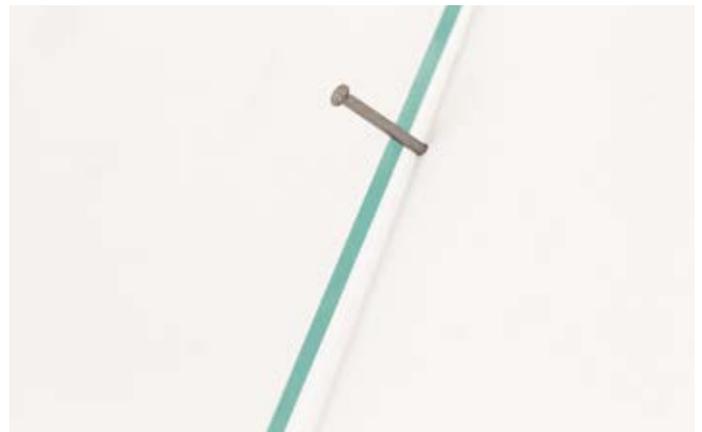
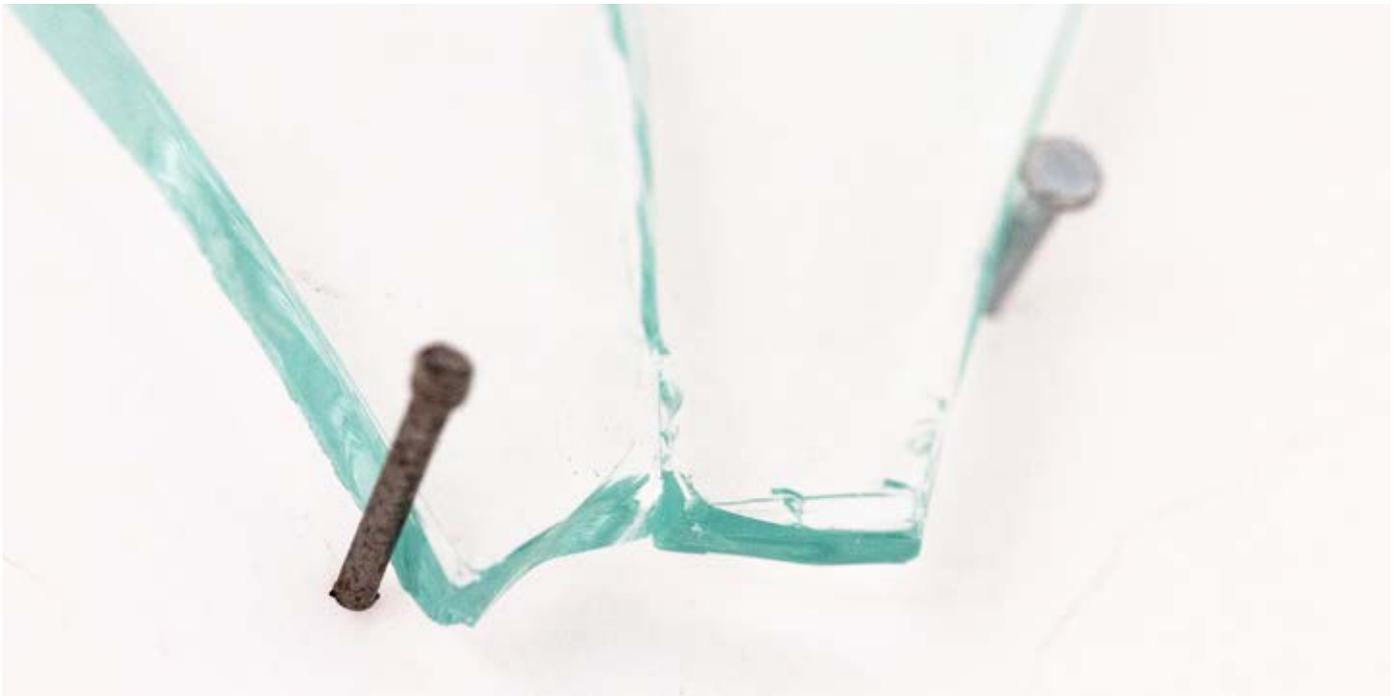
Fragmentos



















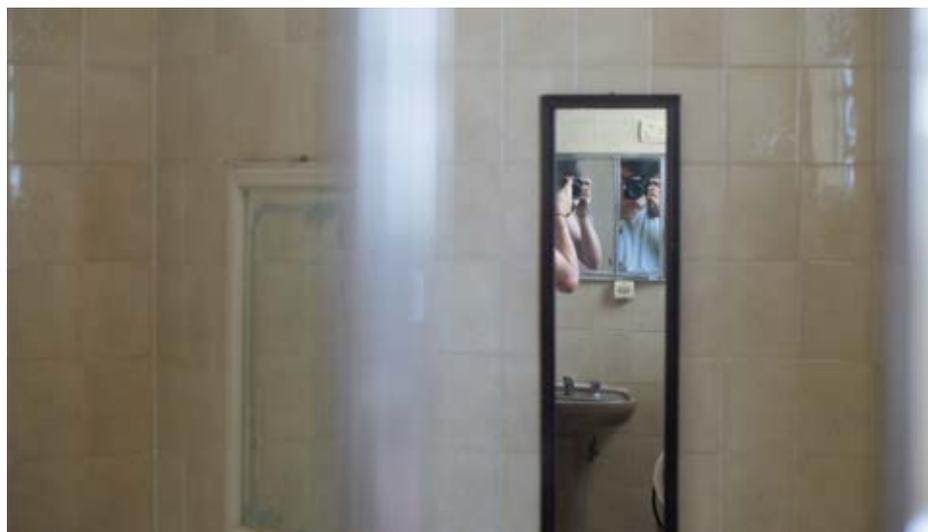
Banhado em prata







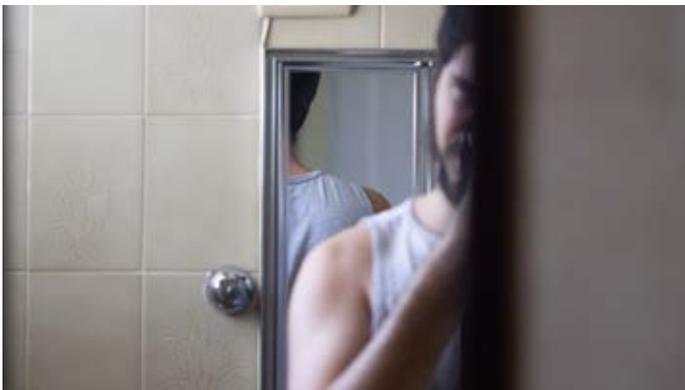




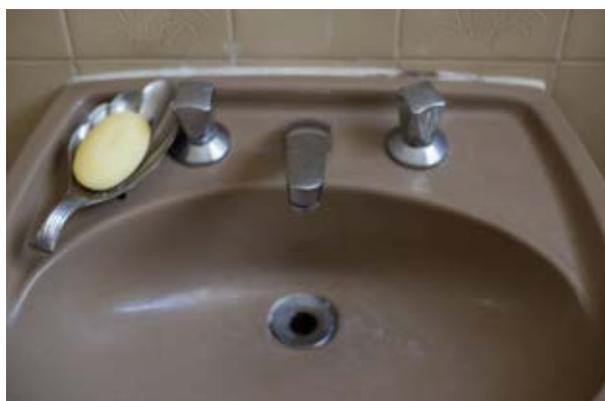
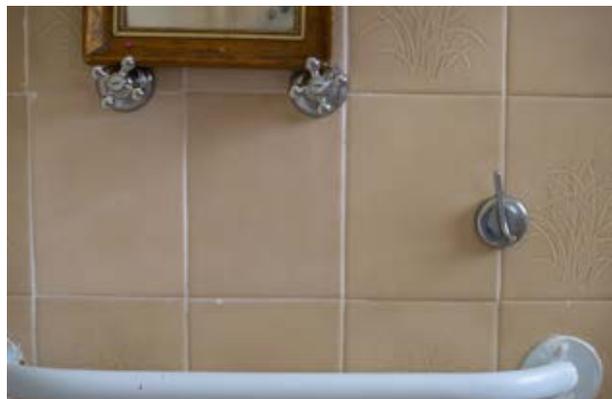






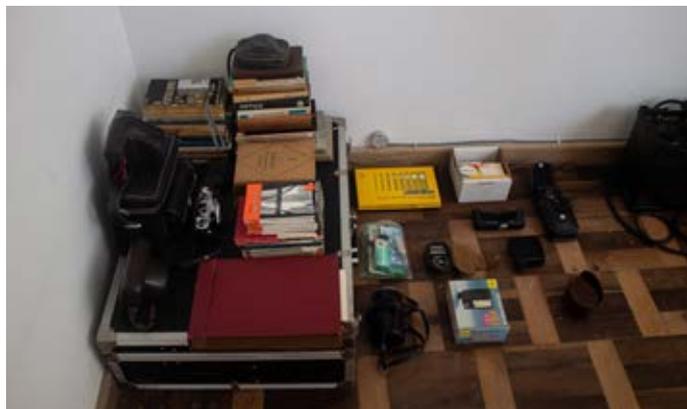
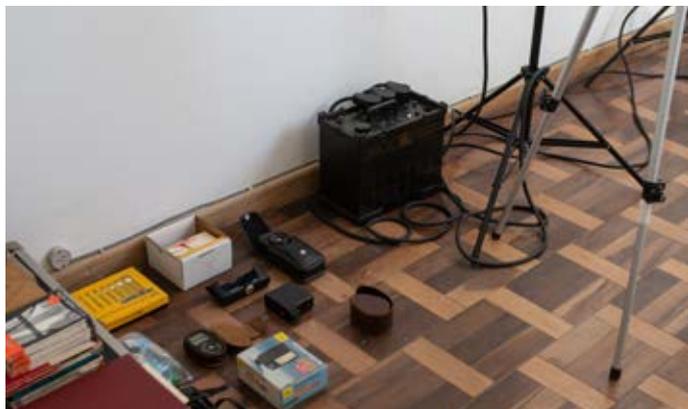


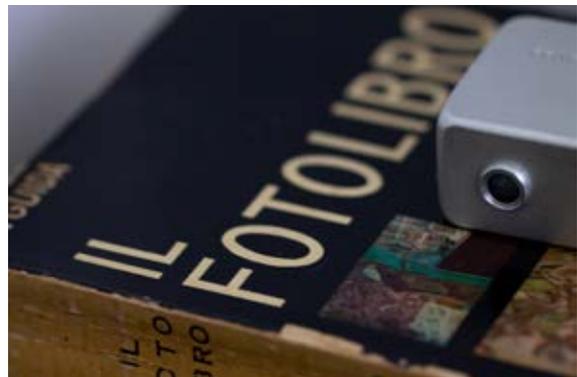
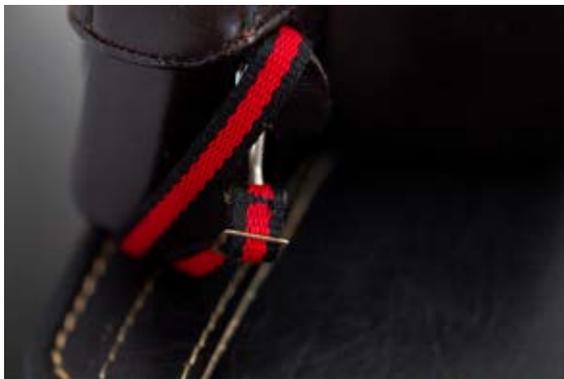
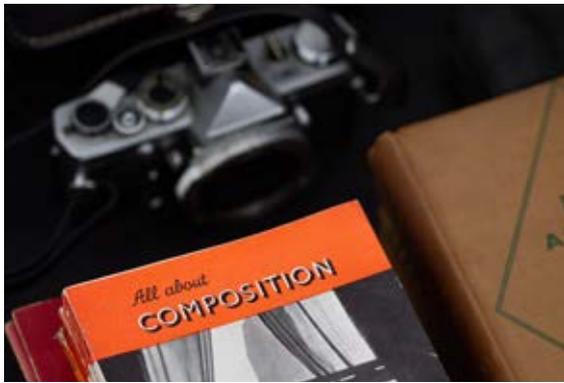






Estúdio

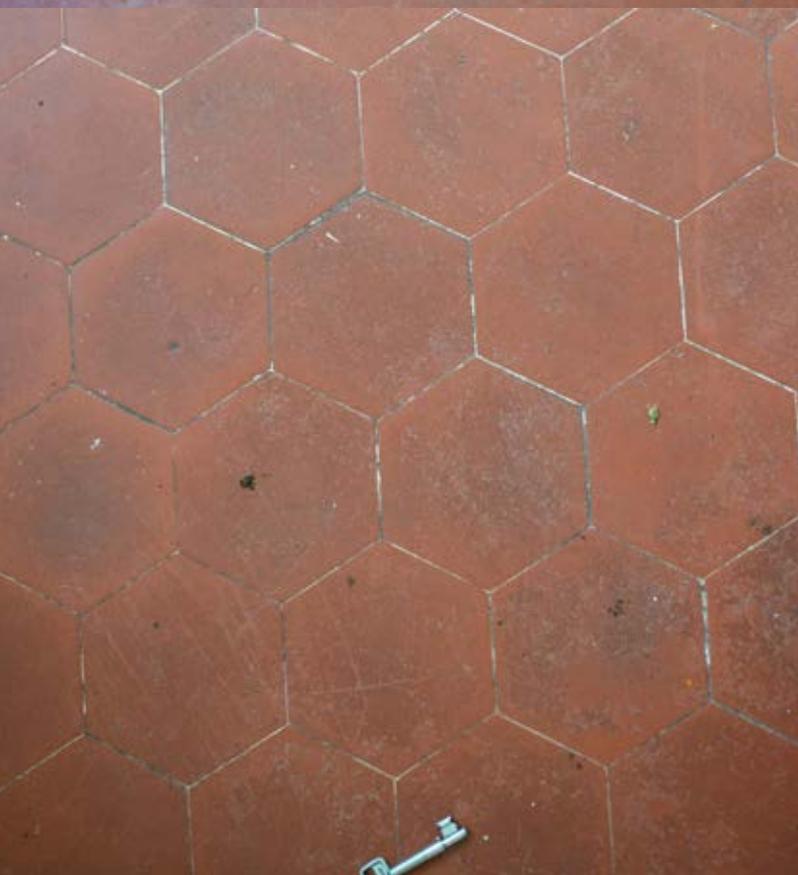






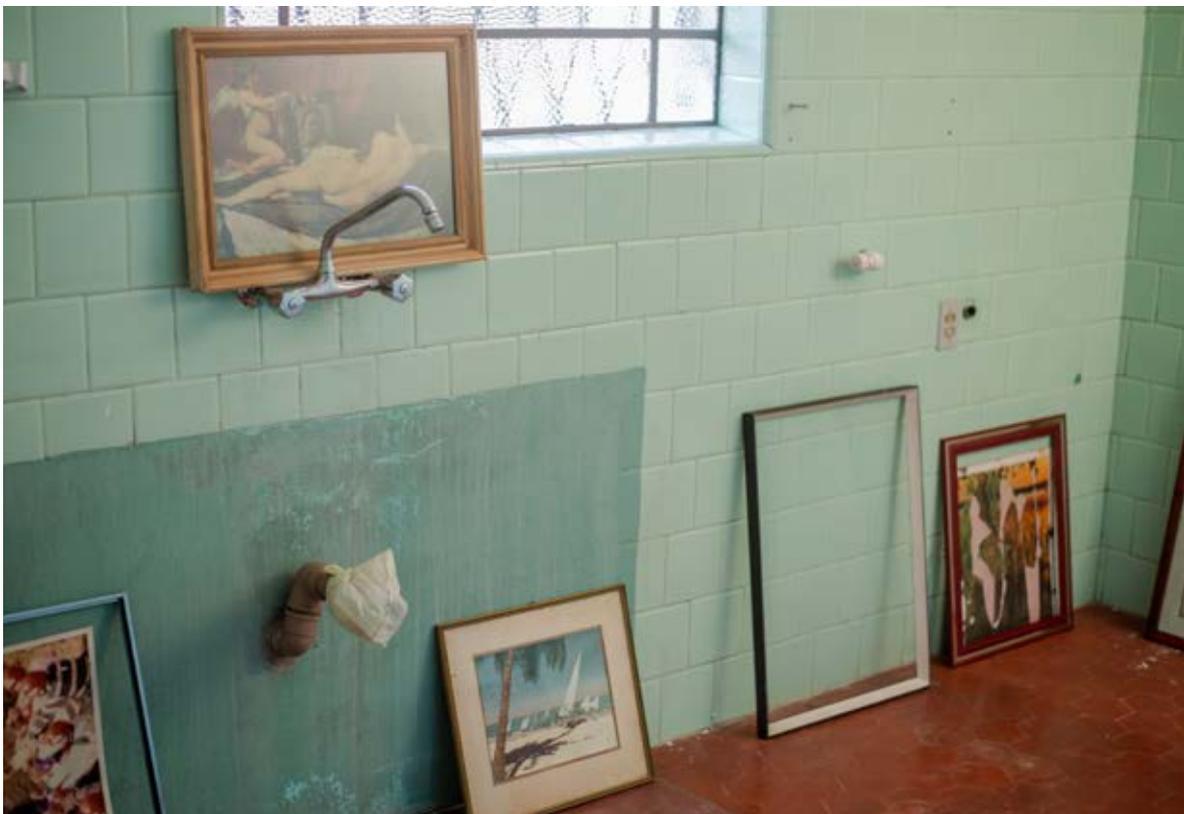
A galeria mais bela











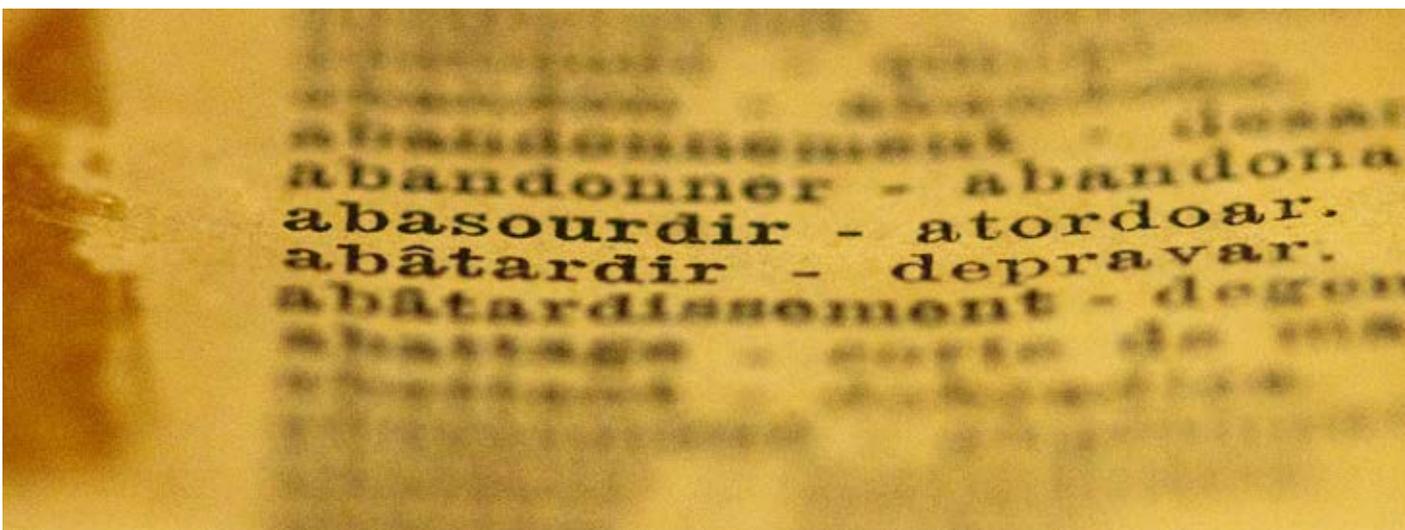


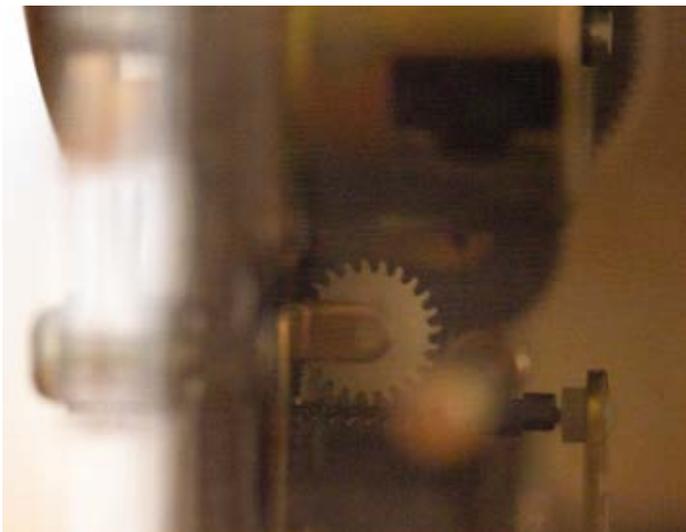
Repouso na estante











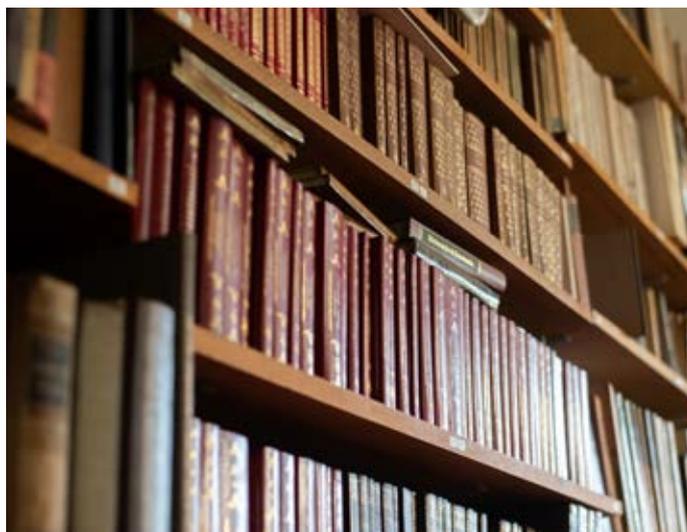




Acervo



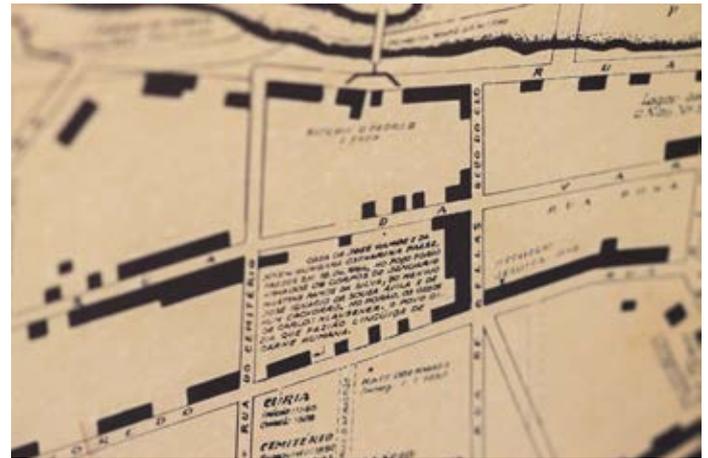












Olho mágico



Dia de visita







Lista de imagens:

- Figura 1 - Pedro Ferraz. *Vende-se* (2018). Fotografia digital. Pg 04
- Figura 2 - Pedro Ferraz. *Mapa expositivo da casa, primeiro andar* (2018). Colagem . Pg 06
- Figura 3 - Pedro Ferraz. *Mapa expositivo da casa, segundo andar* (2018). Colagem . Pg 07
- Figura 4 - Pedro Ferraz. *Entre dois pontos* (2010). Fotografia digital. Pg 08
- Figura 5- Pedro Ferraz. *Breve repouso* (2010). Fotografia digital. Pg 11
- Figuras 6 até 18 - Pedro Ferraz. *Delimitar o ausente 01-13* (2018). Fotografia digital. Pgs 12-15
- Figura 14 - Pedro Ferraz. *Delimitar o ausente 14* (2018). Colagem digital. Pg 14
- Figura 19- Pedro Ferraz. *Quase uma natureza morta* (2010). Fotografia digital. Pg 17
- Figuras 20 até 22 - Pedro Ferraz. *Suporte para pós almoço 01-03* (2018). Fotografia digital Pgs 18,19
- Figuras 23 até 31 - Pedro Ferraz. *Burburinho 01-09* (2018). Fotografia digital. Pgs 21-23
- Figuras 32 até 51 - Pedro Ferraz. *Repetir até quebrar 1-18* (2018). Fotografia digital. Pgs 25-32
- Figuras 52 até 78 - Pedro Ferraz. *Fragments 1- 27* (2018). Fotografia digital. Pgs 35-43
- Figuras 79 até 114 - Pedro Ferraz. *Banhado em prata 1-35* (2018). Fotografia digital. Pgs 45-56
- Figuras 115 até 130 - Pedro Ferraz. *Estúdio 1- 15* (2018). Fotografia digital. WPgs 59-61
- Figuras 131, 132, 133, 134, - Pedro Ferraz. *A galeria mais bela 1-4* (2018). Colagem digital. Pgs 63-66
- Figuras 134 até 137 - Pedro Ferraz. *A galeria mais bela 4-8* (2018). Fotografia digital. Pgs 67-68
- Figuras 138 até 159- Pedro Ferraz. *A estante 1-20* (2018). Fotografia digital. Pgs 71-78
- Figuras 160 até 187 - Pedro Ferraz. *Acervo 1-27* (2018). Fotografia digital. Pgs 81-87
- Figuras 188 até 190- Pedro Ferraz. *Bisbilhotar 1-3* (2018). Fotografia digital. Pg 89
- Figuras 191 até 195- Pedro Ferraz. *Dia de visita 1-5* (2018). Fotografia digital. Pgs 91-93

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

SAICÃ 327

Pedro Gomes Ferraz

Porto Alegre, junho/2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Pedro Gomes Ferraz

Saicã 327

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientadora:

Profa. Dra. Teresinha Barachini (Tetê Barachini) DAV-IA-UFRGS

Banca examinadora:

Prof. Dr. Celso Vitelli - DAV-IA-UFRGS

Prof. Dr. Alberto Semeler- DAV-IA-UFRGS

Porto Alegre, junho/2019

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer à minha família, especialmente à minha avó Ana Maria e à tia Méia por confiarem em minha entrada neste espaço tão especial e pelos demais auxílios ao longo do trabalho, assim como a meus pais e irmã que sempre apoiaram meu trabalho e minha tia Adriana pelo auxílio na produção dos materiais gráficos que integram este trabalho. Gostaria também de agradecer à professora Andrea Hoffstaeter por suas contribuições durante a primeira etapa e ao professor Celso Vitelli por sua orientação, compreensão e sensibilidade junto à professora Teresinha Barachini ao realizarem uma troca de posições na banca e compreenderem o momento e a situação em que meu trabalho e pesquisa se encontravam, assim como ao professor Alberto Semeler por aceitar integrar a banca em sua segunda etapa.

RESUMO

Este trabalho é resultado de um processo de residência artística de aproximadamente três meses (outubro, novembro e dezembro de 2018) em uma antiga casa vazia e posta à venda, localizada na Rua Saicã, nº 372, em Porto Alegre, que pertenceu aos meus bisavós. Dentro deste período de residência, realizei instalações artísticas nos cômodos da casa. Estas instalações e seus assuntos estão divididos entre a percepção da casa em si e as diferentes aproximações, os espaços de habitar e de interações, a fragilidade das memórias e a potência dos sons, dos objetos e da fotografia enquanto imagem e a fragilidade das memórias que insistem em permanecer em mim.

Palavras-chave

Residência Artística, Casa, Memórias, Fotografia, Instalação

SUMÁRIO

Volume 1

FOTOGRAFIAS DA RESIDÊNCIA SAICÃ, 372

LISTA DE FIGURAS

Volume 2

RESUMO

1. UMA NOVA ATMOSFERA ME RECEBE
2. BREVE REPOUSO
3. CONVERSAR SOBRE A MESA
4. REPETIR ATÉ QUEBRAR
5. FORMAS DE VER
6. LUGAR DE OBJETO

CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Primeiro passo, fechar o carro.

Correr para casa equilibrando minhas tralhas

Lembrar de todas as vezes que ouvi sobre o perigo daquela rua

Abrir o portão

Botar a mão por entre as grades para fechar a porta, pois ela só tranca por fora

Subir as escadas, destrancar a porta da frente

Fechar a porta da frente e abrir seu vidro

Torcer para outra aranha não avançar em mim

Soltar o pino do vidro da janela

Subir o vidro

Abrir as persianas

Soltar a perna da estante para pegar as chaves escondidas

Abrir a sala do estúdio fotográfico

Abrir a cozinha e abrir o cômodo ao lado

Ir ao final da cozinha

Soltar o pino para liberar a trava da área de serviço

Baixar a trava

prender o pino em um buraco na parede

Pegar as chaves

Destrancar e abrir a porta

Entrar na área de serviços

A porta do pátio só abre por fora.

Dar a volta e procurar o ângulo certo para abrir a porta

tentar algumas vezes até quase desistir

abrir a porta

Subir as escadas

Abrir a porta da direita
Abaixar a cabeça para não prender na fita
Soltar o pino e levantar o vidro
Segurar o vidro com uma mão enquanto puxo os prendedores
Prender o vidro aberto
Abrir as persianas
Ir para o quarto ao lado
Verificar se algum vidro caiu

Levantar o vidro da janela
Abrir a persiana e prender o suporte do vidro

Ir para o quarto principal
Girar a chave e abrir a porta de vidro
Soltar o trinco na parte de cima da outra metade da porta de vidro
Abrir a outra metade da porta de vidro
Abrir a persiana devagar para não assustar os pássaros

Ir ao corredor e entrar no banheiro
Lavar as mãos sujas pelo pó nas janelas
Lembrar que ainda falta uma janela

Entrar no último quarto ao lado do banheiro
Perceber como ele é mais escuro que os outros e acender a luz
Soltar a trava do vidro
Subir o vidro e prendê-lo no suporte
Abrir as persianas

Voltar para lavar as mãos
Perceber que a luz natural não é suficiente para iluminar a estante
Acender a luz da estante
Começar a trabalhar.

Pedro Ferraz (2018)

1. UMA NOVA ATMOSFERA ME RECEBE

Ao fechar a porta, escuto o som de meu movimento,

E ele dura longos segundos.

Posso ouvir o som da colisão surgir atrás de mim

Passar pela minha frente

E preencher

Todos

Os cômodos

e voltar

e voltar

E volt

ar

Este trabalho surge a partir de uma residência artística de aproximadamente três meses (outubro, novembro e dezembro) dentro da casa que pertencia à minha bisavó, no ano de 2018. Propus-me a vivenciar a casa, explorá-la e, a partir destas vivências e memórias, criar instalações para os espaços que ali se apresentavam.

Conforme habitava o espaço, percebia que não caberia tratar com grande objetividade, ou mesmo almejar precisão cirúrgica em um trabalho que é baseado grande parte em lembranças e memórias. Como nos diz Bachelard (2008, 207), “é no plano de devaneio e não no plano dos fatos que a infância permanece viva e nos é poeticamente

útil.” Por isso, um certo caos regeu o ritmo do trabalho. As memórias vinham de forma pouco ordenada e com diferenças em suas intensidades e detalhes.

Acho ainda importante destacar que tudo o que está sendo apresentado aqui neste TCC é fruto de um trabalho muito intenso e realizado em um curto período de tempo, pois utilizei um espaço que possuía uma placa de “vende-se” na parte externa (Imagem 01) e esta criava um senso de urgência.

2010

Eleições, jogos olímpicos de inverno e também o ano que eu iniciei minha relação com a fotografia. Dezesesseis anos de idade e um fascínio enorme com a possibilidade de criar imagens através de um dispositivo. Saciava meu desejo pelo conhecimento técnico da fotografia em aulas à noite e procurava criar aproximações com meu repertório de filmes, livros e músicas e, assim, despretensiosamente descobria o fazer artístico.

2018

Em uma pasta de meu computador, salva em um antigo HD, encontrei minhas primeiras interações imagéticas, realizadas em 2010, com a casa que originou o trabalho que aqui se apresenta. Encontro nestas fotos uma pureza e um prazer exploratório de quem atenta a tudo com o olhar, de quem procura pelos cantos uma composição, um objeto a ser representado, um fazer íntimo e sincero.

Alguns anos atrás, lembro de encontrar estas fotografias com bem menos afeto do que hoje e ter pensado em deletá-las. Ironicamente minha motivação naquele momento para apagá-las era justamente por achá-las simples e despretensiosas demais. Entretanto, meu ímpeto colecionador impediu-me de fazer isto. Apagar estas fotos seria apagar um dia de minha vida.

A casa retratada nas imagens era a casa de minha bisavó, situada na Rua Saicã, nº 327, no bairro Petrópolis, em Porto Alegre. Apesar de informar aqui o endereço completo, para mim a casa sempre existiu como um pequeno universo próprio, como se todo o bairro se resumisse àquela residência, estendendo-se, no máximo, até as árvores na calçada da rua.

Dois andares, uma variedade de texturas em seus diferentes pisos, dois exuberantes jardins, pintura branca, um anexo à casa nos fundos do segundo jardim. Esta também possui as clássicas características arquitetônicas de uma residência antiga: paredes grossas, temperatura interna baixa e pés direitos altos.

Sempre me chamou a atenção a decoração da casa com móveis antigos de madeira, com pequenos ornamentos em repouso, diversos livros organizados em estantes, retratos emoldurados e, na área externa, os vastos jardins repletos de árvores, pássaros e plantas que, embora sejam grandes, são maiores ainda em minhas lembranças.

Minha relação com este lugar praticamente se dá com meu nascimento. Sou o primeiro bisneto, então logo após meu nascimento fui conhecer a dona da casa e sua residência. Ao longo dos anos havia diversos momentos em que ia visitá-la. Natal e Dia das Mães eram garantias de uma passada por lá para um almoço ou lanche da tarde, em diversos momentos ao longo de minha vida retornava àquela residência.

Para este trabalho, estabeleci uma nova relação com esta *Casa*. Durante três meses eu residi quase que diariamente dentro dos seus espaços, o que permitiu um novo leque de percepções e descobertas, afinal o convívio diário com tal espaço criou uma relação muito diferente do convívio esporádico com o qual estava acostumado.

Foi muito impactante chegar para iniciar minha residência artística e encontrar vazio este ambiente que sempre foi tão repleto de objetos. Sem os quadros com retratos dos netos e filhos graduados na parede, sem a mesa onde tomávamos café, sem o espelho na parede, sem o computador da minha avó, onde ela jogava, sem a cama que ocupava grande

parte do quarto, sem o enorme guarda-roupa antigo de madeira, cuja construção não levava nenhum prego ou parafuso, apenas encaixes, sem os potes de vidro preenchidos com balas coloridas, sem a televisão, sem nenhum ruído, sem movimento. Duas realidades que colidem por ocuparem o mesmo espaço, mas não o mesmo tempo.

Pé direito alto, paredes grossas, paredes próximas e ausência de móveis são exemplos de características que favorecem a propagação do som dentro de um ambiente fechado. Paro e pergunto-me: por que estou trazendo tudo isso? Por que tento aqui descrever o impacto causado pela casa neste primeiro contato com o seu espaço vazio? Ambiente que reconheço, mas ao mesmo tempo se apresenta como novo. Ao entrar na casa e ao fechar a porta, posso ouvir o barulho de meu gesto. O deslocamento do som subitamente fica evidente e o torna muito mais espacial. Eu assobio, e o assobio não entra em uma composição de sons do ambiente. Ele torna-se o protagonista, ele sobe a escada, entra nos quartos e volta, não desaparece, apenas se dissolve.

É extremamente fascinante andar pelos cômodos procurando com a voz e com o corpo, e descobrir frequências que ressoam mais, testar os limites do eco e encontrar os pontos-chave de reverberação máxima da casa, ao mesmo tempo que fazer outros tipos de trabalhos como ler e escrever ou realizar atividades manuais em silêncio se torna extremamente difícil.

O som de qualquer gesto é amplificado, a sensação é estar centralizado e microfonado em um palco apenas para varrer um chão. Cada movimento cresce, foge e leva a todos os cômodos as notícias do que está acontecendo. Ao mesmo tempo, a impossibilidade de o som “vazar” para o ambiente externo pelas portas ou janelas cria uma atmosfera muito densa e a sensação de espaço torna-se uma sensação de delimitação, de clausura e finitude. Mas, felizmente, para isso os deuses inventaram as janelas.

O silêncio e o vazio me cercavam. Andei muito pela casa, apenas percebendo os novos ambientes, entendendo suas outras possibilidades e inevitavelmente comparando o

que via com o que lembrava. A ausência material contrastava com a exuberância das minhas memórias.

A ausência física se fez presente, a violência da remoção deixou indicativos. Nas paredes, existem agora marcas que apontam a falta dos objetos que por anos permaneceram ali, nos cantos das paredes, as marcas dos móveis removidos surgem como assinaturas abstratas. Pela casa, o olhar atento encontra pequenas cicatrizes deixadas por objetos que se foram.

Partindo da fotografia *Entre dois pontos* (2010) (fig. 04), retomo as imagens antigas realizadas na casa, em 2010, a partir deste espaço de transição que é a escada. Lembro que para conseguir este ângulo eu estava agachado ou sentado no chão, e este, raramente é um ponto de partida para realizar uma fotografia. Havia uma dedicação pessoal ao procurar diferentes abordagens na composição e nas possibilidades de explorar o espaço da casa.

Ao buscar em minha memória o que me atraiu nesta cena, acredito que tenham sido as linhas do corrimão e seu potencial para conduzir o olhar. Percebe-se que o corrimão é visto de baixo, e esse detalhe mostra exatamente o desejo de explorar o fazer fotográfico que percorre estas imagens antigas. Acho prazeroso olhar para as linhas e os vazios desta. No centro, surgindo de baixo da imagem, vem o corrimão com seus ângulos imperativos e sua estrutura reta e sólida que guiam os olhos pela composição, levando-nos à parte superior da imagem na qual os principais objetos se apresentam. No canto da imagem, algumas folhas de uma planta que entra timidamente no quadro como quem pede licença e, por cima delas, filtrada pelo vidro da janela, chega a luz sutil que preenche o quadro e delinea as formas dos objetos. No canto superior, pequenas molduras de quadros agrupadas. Veem-se apenas três, mas sua ordem na parede sugere a existência de outras, criando assim pequenos indicativos de narrativas.

Oito anos depois, posicionei-me no mesmo lugar, desta vez com uma ideia bem mais clara do que estava fazendo, é um movimento muito mais objetivo, mas nem por isso menos pessoal. Tenho a imagem original em meu pensamento, então procuro sobrepô-la ao que vejo no visor. A ausência dos detalhes, tão pequenos, tão sutis na primeira fotografia se tornam massivos neste momento. Detalhes tão breves dentro da composição, mas que construía a narrativa de uma casa que era habitada. Pequenos quadros na parede estão para serem vistos, plantas que precisam de cuidado constante. A não presença dos objetos cria um grande vazio na imagem e mostra que este espaço deixou de ser uma residência ligada ao habitar e aos movimentos e rotinas que orbitam esse verbo. Por esta razão, optei por iniciar a sequência de imagens da casa a partir da escada (fig. 04) para poder partir de um ponto que permita um deslocamento versátil entre em cima e embaixo, primeiro e segundo, passado e presente.

De maneira a dialogar com estas relações fotográficas, tanto esta que parte de analisar fotografias tiradas na época em que a casa era constantemente habitada e que retratam indícios da rotina e da personalidade das pessoas que ali moravam, quanto as relações fotográficas mais recentes criadas a partir do meu trabalho de residência na casa, onde novas imagens e novas memórias se formam, gostaria de trazer algumas falas da artista *Irina Raffo* sobre sua série de fotografias intitulada *Interiores de mi familia* :

La estilización de imágenes cotidianas es uno de los recursos de este proyecto que utiliza la fotografía analógica como herramienta descriptiva y sensible. A través del lenguaje fotográfico, busco transformar algunos de los espacios que me han acompañado durante toda la vida en una pieza fotográfica palpable, con un peso, dimensión y textura determinada. (RAFFO, 2014, p.154)

Embora não faça uso da fotografia analógica, identifico-me neste esforço de dar um corpo imagético a estes espaços de tanta importância para mim através da fotografia e

encontrar similaridades estéticas na abordagem da artista a estes espaços familiares. Ainda sobre esta série, trago outro trecho no qual a artista diz:

Utilizando una herramienta analógica, busco preservar fotográficamente estos espacios de la manera más pura y honesta posible. Desde allí intento darle vida a algunos recuerdos que siguen presentes, sabiendo que a través de la fotografía daré paso a otra imagen distinta de aquella que recuerdo. Hoy me cuesta identificar el lugar real con la fotografía capturada. (RAFFO, 2014,p. 154) “

Novamente, a fala da artista faz com que eu consiga relacionar o seu trabalho com minha experiência pessoal, na qual a noção de se empenhar em criar uma representação dedicada ao espaço e à compreensão de que a imagem da fotografia será sempre outra da imagem presente da memória e do espaço físico.

Existe neste fazer um prazer doce, mas também amargo, embora seja nostálgico e prazeroso partir destas imagens feitas em um momento muito único da casa, existe um certo remorso em não ter produzido mais imagens, não ter percebido mais detalhes, sensação bem descrita neste trecho onde Bachelard comenta:

Se passamos dessas imagens iluminadas a imagens que insistem, que nos obrigam a nos lembrar mais adiante no tempo passado, os poetas são os nossos mestres. Com que força nos provam que as casas perdidas para sempre vivem em nós. Em nós, insistem em reviver, como se esperassem de nós um suplemento de ser. Como habitaríamos melhor a casa! Como lembranças têm subitamente uma viva possibilidade de ser! Julgamos o passado. Uma espécie de remorso por não ter vivido profundamente atinge a alma, surge do passado, nos faz submergir. (BACHELARD, 2008, 233)

Em relação a estar retornando a esta casa e sobre a dificuldade que encontrei em trabalhar nos cômodos com grande carga pessoal, cito Ronaldo Marcelo Brandão (2016) em seu artigo “Poéticas visuais e espaços limites”, onde ele diz:

Em muitas propostas artísticas, o espaço transforma-se na questão principal onde o artista constrói seus questionamentos e propostas. Ao mesmo tempo, esses mesmos espaços têm suas próprias histórias de ocupação e uso. O espaço não é uma área branca e pura sobre a qual se constrói uma marca. Ele já tem marcas

diversas. Trabalhar com o espaço é um processo de diálogo com diferentes camadas de tempo e com as diversas forças que se associam, sobre ele deixam informações e reivindicam direitos de participar das ações de ocupação ou intervenção que um artista queira realizar nele. (BRANDÃO, 2016, p.392)

Estes diálogos mencionados pelo autor foram essenciais para desenvolver meu trabalho, precisei entender o tempo da casa, suas marcas e as diversas informações que ela me apresentava para então poder realizar trabalhos que não fossem meramente um processo de adição ao espaço, e sim, de troca. Isso se fez presente principalmente no quarto principal e no quarto que pertenceu a meu tio. Reconhecer as camadas de tempo e habitações era um pré-requisito para os diversos cômodos da casa.

Quanto à estrutura física da casa, ela contava com um quarto, com um banheiro no andar inferior, uma cozinha, uma área de serviço, uma pequena sala próxima à cozinha, uma sala de estar junto à entrada e um escritório ao lado da sala. No segundo andar da casa, havia três quartos, um espaço para refeições, um banheiro, uma estante no corredor e um quarto principal com sacada. E, na área externa da casa, havia um espaço que funcionava como um depósito, mas permanecia sempre fechado. Destes espaços, os banheiros e o escritório permaneciam, em grande parte, conservados, o anexo ao fundo da casa também permanecia como era antes, a cozinha mantinha ainda suas cores características de azulejos verdes na parede e sua coloração vermelha no chão, quanto aos antigos quartos e salas, estavam todos destituídos da maioria de seus objetos.

A partir deste primeiro capítulo introdutório, o texto está organizado em conjuntos de instalações que realizei durante a residência, agrupadas por temáticas próximas. No segundo capítulo (Breve repouso), apresento uma fotografia feita em 2010 na casa e, partindo da análise desta imagem, trago considerações sobre como foi trabalhar em um espaço que era um quarto, um espaço de morada de abrigo. E, acabo por encontrar reflexões para me auxiliar nos escritos de Bachelard. Naquele local, realizei a instalação

“*Delimitar o ausente*”¹ (2018) com a intenção de destacar as marcas deixadas pelos móveis e, trabalhei com a massiva presença do armário que cobre toda uma das laterais do quarto. Foi necessário compreender a importância e o significado daquele móvel para poder trabalhar com ele.

Por isso, optei por posicionar naquele armário um único objeto, que já lhe pertencera antes, e com apenas uma porta aberta, trabalhando em conjunto com a história do móvel, de uma maneira precisa e sutil, com uma cumplicidade retratada neste trecho de Bachelard (2008, p.205) onde ele diz: “Quando damos aos objetos a amizade que convém, não abrimos mais um armário sem estremecer um pouco.” E, este ainda, nos lembra que:

todo o poeta dos móveis - mesmo um poeta em sua água-furtada, um poeta sem móveis - sabe, instintivamente que o espaço interior do velho armário é profundo. O espaço interior do armário é um *espaço de intimidade*, um espaço que não se abre à toa. (BACHELARD, 2008, pg.248.)

Encontro também similaridade no trecho escrito por Vitor Ramil em sua composição *Espaço (2000)*², na qual entre muitas imagens de um espaço que vai sendo destituído de suas funções originais está um “*Quarto de não dormir*”. Um espaço perdido entre as marcas e móveis que restam de sua antiga função e a ausência de alguém para habitá-lo.

No terceiro capítulo (Conversas sobre a mesa), trato de ambientes de refeição e as relações estabelecidas nestes espaços na casa. Aproveito também para trazer outra fotografia feita no ano de 2010 e, parto da leitura dessa imagem e dos objetos e contexto

¹ Imagens 05-18

² Para ouvir, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=knZge29jxgQ>

nela apresentados no início da discussão sobre a instalação *Suporte para pós-almoço*³ (2018), proposta em um espaço onde se realizavam as refeições na casa. Nessa instalação, o estímulo olfativo do café surge como elemento chave para remeter ao uso deste espaço porque, enquanto lugares de refeições, estes nos levam para além do visual, pois as memórias sensoriais sonoras e olfativas se fazem fortemente presentes. Através do olfato, relembro o aroma forte do café que simboliza o momento pós-refeições, a lembrança sonora das conversas, dos murmúrios e dos burburinhos que davam vida ao espaço e significados aos diversos cômodos destinados às refeições. Constantemente tive em mente durante meu período de residência, enquanto desenvolvia as instalações, os segundos finais da música *Panis et circenses*⁴. No segmento final da música, remete muito intensamente à imagem das interações sobre a mesa, o ruído dos talheres, a conversa e a quase música que toca ao fundo.

Em outra instalação (Burburinho⁵, 2018), ocupei o cômodo que passou a ser o espaço de refeição da casa, quando deixamos de utilizar o espaço anteriormente mencionado. Aqui é muito forte a lembrança dos diálogos prolongados que ocorriam nas refeições. Conversas de maneira mais íntima, menos festiva e mais próxima, tanto pelo tamanho do espaço, quanto pelas ocasiões nas quais aconteciam, não eram grandes banquetes, e sim, singelos cafés da tarde. E, para ajudar a pensar as diferenças sonoras produzidas por estes momentos, trago outro trecho de Bachelard, onde ele comenta:

Para quem sabe escutar a casa do passado, não será ela uma geometria de ecos? As vozes, a voz do passado ressoa de forma diferente num cômodo grande e num pequeno quarto. De outra forma, ainda ressoam os apelos na escada.” (BACHELARD, 2008, pg.236.)

³ Imagens (19-22)

⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7uSXJMqG6_o

⁵ Imagens (23-31)

A diferença entre estas memórias agradáveis e o estado atual deste cômodo é evidenciada na instalação pela ausência de sinal nos rádios dispostos no espaço e pelo conseqüente ruído gerado pela ausência deste sinal, ao mesmo tempo o chiado produzido pelos rádios complementa o ruído visual das paredes e do teto pela degradação do espaço.

No quarto capítulo, apresento duas instalações, *Repetir até quebrar*⁶ (2018) e *Fragmentos*⁷ (2018), e, nelas, procuro estabelecer relações entre a memória e os seus funcionamentos com os mecanismos e os objetos presentes nos espaços. Inicialmente, apresento a instalação sonora *Repetir até quebrar* (2018) que realizei. Para este trabalho, parto de fitas cassetes, pensando estes objetos como pequenas mídias capazes de reter informações, como recursos de memória externos ao corpo.

Opto por modificar este recurso de mídia obsoleto, tendo como referência o trabalho de artistas como *Randall Taylor*, mais especificamente de seu projeto intitulado *Amulets*⁸, e do artista *Hainbach*⁹, ambos utilizam recursos sonoros de mídias antiquadas e os modificam, partindo de suas características sonoras que emulam uma sensação de nostalgia para criar paisagens sonoras, composições e instalações a partir das modificações técnicas.

⁶ Imagens (32-51)

⁷ Imagens (52-78)

⁸ Ver em: <http://www.amuletsmusic.com>

⁹ Ver em: <https://www.hainbachmusik.com>

Desenvolvi então um mecanismo que permitisse que um trecho da fita fosse repetido em *loop* de uma maneira que esta repetição acabaria também por degradar a informação sonora registrada nela. A repetição no trabalho entra como recurso que, além de relacionada com o processo de aprendizado e assimilação de informações, é também um sintoma clássico de doenças que atingem a capacidade de memória, assim como a fita, que em suas primeiras passagens pelo circuito composto executa perfeitamente o trecho musical que ela contém, ao final do dia o que se escuta são apenas ruídos abstratos.

Na segunda instalação, *Fragmentos*¹⁰ (2018), por sua vez, temos os fragmentos de vidro como representação da memória, sua fragilidade somada ao risco de queda na maneira como estão dispostos os vidros, sua capacidade de reflexão da imagem, embora não nítida e apenas temporária e também os diversos formatos e marcas de quebra ou cortes presentes nos fragmentos de vidro que evidenciam pedaços, muitas vezes desconexos ou sem suas partes complementares, trechos de memórias, partes de um todo. Uma lógica similar se apresenta nos relógios que integram esta instalação, além de uma clara analogia à passagem do tempo e sua ação degradante na matéria, o relógio também é utilizado no diagnóstico de algumas doenças que afetam a memória.

Por fim, mesmo que não haja nenhuma fonte direta de som, as imagens destas instalações invocam a sonoridade, as possibilidades de quebra do vidro e seu ruído trágico e intenso, assim como os ruídos ritmados de um relógio somado a outro, quebrado, com seus dois tempos de marcação sobrepostos.

Dentro do quinto capítulo, selecionei mais duas instalações cujas propostas dialogam em sentidos próximos. A primeira instalação, intitulada *Banhado em prata*¹¹ (2018), trata das relações do corpo com a imagem oriunda do espelho e o desdobramento desta interação na fotografia. Este trabalho surge no momento em que percebo que o

¹⁰ Imagens (52-78)

¹¹ Imagens (79-114)

movimento que faço em direção à toalha para secar as mãos me tira da frente de um espelho e me coloca na frente de outro. Quanto a um trabalho surgir de um gesto tão banal, mas atento, cito:

Mas como dar a tais afazeres domésticos uma atividade criadora? Desde o momento em que trazemos as luzes de consciência ao gesto mecânico, desde o momento em que fazemos fenomenologia limpando um móvel velho sentimos nascerem, sob o terno hábito doméstico, impressões novas. A consciência rejuvenesce tudo. (BACHELARD, 2008, 240)

Para esta instalação, utilizei-me de diversos espelhos dispostos pelo banheiro e acho importante ressaltar que os espelhos possuíam diferentes e particulares características em suas molduras e tamanhos, não se apresentavam apenas como uma superfície reflexiva, mas também como objetos distintos.

Em cada ponto da instalação, somos confrontados pela nossa imagem assim como a multiplicidade dos espelhos altera a percepção do espaço dando a sensação de estarmos em um cômodo mais amplo do que realmente é, e conforme a movimentação ocorre dentro do banheiro, encontram-se pontos onde as imagens se sobrepõem e se refletem e ecoam, remetendo à sonoridade característica dos banheiros como espaços de grande reverberação sonora.

“O espelho, afinal, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, lá onde não estou, uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo: é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe. A partir desse olhar em que de qualquer forma se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou: o espelho, esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente real em relação com todo espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que ela é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe.”(FOUCAULT, 2009, pg.415.)

Os demais objetos que já integravam o espaço antes de minha chegada também possuíam em sua aparência um acabamento prata lustroso, o que acrescenta mais uma camada na relação deste espaço com a fotografia.

Na instalação *Estúdio*¹² (2018), a relação com a fotografia é mais direta, partindo de objetos pertencentes a meu bisavô, que residia naquela casa e, também, de materiais meus, busco evidenciar as particularidades das relações pessoais com a fotografia. Deixei disposto na mesa que compõe a instalação álbuns de diversas origens, tanto pessoais, com fotografias de meus primeiros anos de vida, quanto fotos de família feitas por meu bisavô assim como fotografias feitas (tanto por ele quanto por mim) em um contexto autoral e poético, abrangendo assim diversos tipos de relações com a fotografia, passando de registro afetivo até o fazer artístico.

Para o sexto capítulo, incluí quatro instalações tratando de questões referentes aos objetos. Para a primeira instalação, intitulada *A galeria mais bela*¹³ (2018), dispus diversos quadros com pinturas encontrados pela casa, criando um ambiente expositivo completamente oposto ao padrão tradicional de cubo branco ao utilizar a grande carga visual das cores da cozinha e expor gostos pessoais dos antigos moradores da casa e jogando com os valores tradicionais da arte.

*Em Repouso na estante*¹⁴ (2018), parto da estante localizada no segundo andar da casa. Lá, dispus diversos objetos pessoais de forma organizada e metódica.

Embora não haja uma unidade objetiva nestes objetos que possam caracterizá-los como uma coleção, além do fato de terem sido selecionados e acumulados por mim ao longo dos anos, utilizo a estante como um espaço para unificar e contextualizá-los como objetos de importância pessoal, usando os discursos que a estética e o posicionamento da

¹² Imagens (115-130)

¹³ Imagens (131-137)

¹⁴ Imagens (138-159)

estante dentro da casa carregam para atribuir um valor de zelo, organização e, ao mesmo tempo, o meu orgulho representado na vontade de exibir estes objetos.

Uma estante representa os gostos pessoais, interesses e, muitas vezes, crenças e ideais das pessoas que depositam lá seus livros, com o intuito de organizar e exibir uma parte íntima de si, ou, ainda, dos objetos que compõem sua trajetória, para os outros. Desta mesma forma, aproxima-se o trabalho *Autobiography* (1980), do artista *Sol Lewitt*, onde através de fotografias, que são em grande parte dos objetos que compõem seu espaço de trabalho e morada na época, ele cria um livro que é intitulado como sendo sua autobiografia. E, sobre o qual, ele afirma: “a melhor imagem de mim mesmo não é tanto a de um retrato ordinário quanto as fotografias de todos os objetos com os quais vivi” (GUASCH, Anna Maria.op.cit., loc.cit., p.67)

Em seguida, na instalação *Acervo*¹⁵ (2018), temos o real acúmulo, que é incapaz de ser completamente organizado, é o despejo de inúmeros objetos coletivos guardados muitas vezes sem um propósito específico que não seja (por algum motivo) a incapacidade de descartá-lo. Dada a quantidade de informação dentro daquele espaço, o trabalho foi muito mais de evidenciar o que lá se encontrava, de trazer à luz alguns tópicos para discussão. Para isso, trouxe um toca-fitas e organizei, no centro da sala, as diversas *cassettes* para que pudessem ser acessadas novamente, permitindo acessos a diferentes indícios de personalidades de quem eventualmente comprou ou gravou uma daquelas fitas, um prazer quase *voyeurístico* de acessar pequenos fragmentos de intimidades armazenados em pequenos recipientes plásticos ao longo dos anos. Formou-se um espaço de informação em diferentes mídias e grandes volumes, um ambiente impossível de ser absorvido completamente.

¹⁵ Imagens (160-187)

E por fim, encerro a jornada pela casa através da Instalação *Dia de visita*¹⁶(2018), na qual trabalhei com objetos de diferentes origens e fiz conexões com outra casa importante para minhas memórias, referenciando esta comunhão de diferentes origens que acabam por influenciar o meu trabalho como um todo.

¹⁶ Imagens (191-195)

2. BREVE REPOUSO

Como é intenso ser confrontado com o vazio, onde se espera encontrar algo.

Este é um dos espaços cuja lembrança me é mais forte. Com o passar dos anos, a mobilidade de minha bisavó diminuiu e seu espaço na casa passou a ser principalmente o andar superior, onde ficava seu quarto. Então, geralmente quando a visitávamos, nós nos reuníamos em seu quarto.

Aqui as memórias transitam com facilidade. Ao fechar os olhos, posso ver novamente as pessoas que andavam pelo quarto, ouvir o programa religioso ou o jornal que passava na televisão, observar a grande cama que ocupava a maior parte do cômodo, a mesinha com o computador próxima à janela, quase consigo tocar os móveis de madeira ao meu redor, porém, ao abrir os olhos isso tudo se choca violentamente contra o espaço vazio.

O próprio quarto manifesta a ausência que existe ali, basta olhar para o chão e ver as marcas deixadas no *parquet* (fig. 06). Os móveis, que durante tanto tempo tiveram aquele cômodo como residência, retribuíram este acolhimento, protegendo o quanto puderam o espaço que ocupavam.

Este é um dos ambientes que resistiu com muita força a todas as minhas tentativas iniciais de realizar trabalhos dentro dele. A proximidade afetiva afastava minhas tentativas de trabalhar naquele espaço e, por isso, foi umas das últimas instalações que realizei. Permanecem nele indícios de sua antiga função: os grandes armários que ocupam toda a lateral do quarto, antigos e fixados na parede (fig.10), as marcas dos móveis no chão que ali habitavam e até mesmo uma mancha na parede, que remete a imagem de uma pessoa.

Somente quando percebi que o quarto já estava suficientemente ocupado pelo vazio, notei que seria inútil tentar ocupar aquele ambiente com outros elementos, pois já estava tudo lá. Era apenas necessário que eu enxergasse e que pudesse evidenciar para outros estas ausências. Então, optei por evidenciar as marcas da ausência através de marcações no piso, utilizando pregos e barbantes, delimitando os espaços do que não está mais lá, criando formas aproximadas destes objetos através das linhas dispostas pelo chão,

linhas que não são precisas e que nunca tiveram a pretensão de ser, pois partem apenas das lembranças.

Quanto aos armários, optei por deixar apenas uma porta deles aberta. Experimentei muito com eles ao longo da residência, abrindo ou fechando, alternando entre portas, colocando objetos pertencentes à casa dentro dele, colocando objetos meus, até resolver remover tudo e fechar todas as portas. Encontrei amparo em meu processo na leitura de Bachelard, onde ao analisar os significados de objetos como armários, este diz:

O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses “objetos” e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeitos, Têm, como nós, para nós, por nós, uma intimidade. (BACHELARD, 2008, pg. 248)

Em momentos como este, a leitura de Bachelard (2008) me vem como uma conversa, pois encontrei grande apoio para compreender muitas das sensações que percebi durante meu processo. Entendi melhor o significado do objeto armário através de minhas leituras, assim como passei a refletir melhor sobre sua importância e significado dentro daquele espaço. Optei por abrir apenas uma porta, dando a ver apenas um item que fazia parte da casa: um baleiro iridescente com um tom predominantemente rosa. Dentro dele, pequenas balas coloridas de açúcar com uma amêndoa no centro. Mais uma manifestação de uma memória trazida para aquela instalação, o representante físico de uma lembrança próxima à antiga dona daquele espaço.

Por fim, além da instalação apresentada, começo a explorar potenciais desdobramentos para a produção de fotografias que realizei antes de desmontar a exposição que realizei na casa.¹⁷ Trago aqui, com estas fotografias, apontamentos dos caminhos que começam a surgir após a finalização da residência. Entretanto, são trabalhos

¹⁷ No dia 21/12/2018, o processo de residência foi finalizado com uma exposição intitulada *Saicã 372*, realizada no próprio local, o espaço ficou aberto para o público das 9 h até às 20 h.

que estão em aberto e, com os quais, ainda pretendo desenvolver desdobramentos nos próximos anos.

Ao contrário do quarto principal da casa, onde hoje a ausência prevalece, na fotografia *Um breve repouso* (2010) (fig. 05), temos o quadro (e o quarto) cheio, uma composição bem preenchida com objetos que remetem ao ato de habitar uma casa. Gosto muito da sensação de aconchego e conforto que encontramos aqui nesta imagem. Um quarto muito simples, cuja textura do sofá e da cama convidam ao repouso, aliada ao cinza suave e à iluminação sutil vinda da janela. A madeira do móvel entre o sofá e a cama, no mesmo tom da cabeceira, cria uma atmosfera que remete a algo rústico, colonial. É uma fotografia para se entrar e repousar por algum tempo.

3. CONVERSAS SOBRE A MESA

Por alguns segundos a mesa se apresenta quase cenográfica.
Talheres milimetricamente posicionados,
Copos e pratos simetricamente alinhados.

A calma antes da festividade

O arrastar das cadeiras.
O choque dos metais.
Os movimentos distintos.
A soma das camadas de vozes.

O chiar da chaleira.
O borbulhar da água quente lentamente passando pelo filtro.
O aroma preenche o cômodo.

A refeição se vai, o café fica.

Trago aqui neste capítulo a última fotografia, *Quase uma natureza morta* (fig. 19), desta série de imagens feitas em 2010. Para chegar ao local de sua captura, venho passando pela sala junto à escada, na segunda porta à esquerda. Ou, se venho pelo jardim, passo pela área de serviços, em seguida atravesso a cozinha e viro à direita. Fui aqui recebido por esta composição com trechos preenchidos por diversos objetos. O vazio central divide os dois lados da imagem ao passo que o espelho na parede estabelece uma relação de dinâmica entre os dois trechos e permite ver além do corte da fotografia, saciando parcialmente a curiosidade enquanto apresenta um trecho mais suave da mesma. O ângulo dela sugere uma proximidade e uma dinâmica com as cadeiras que nos deixa quase na iminência de sentarmos à mesa e, como um afago, a iluminação nesta foto vem suave e macia, destacando os volumes dos objetos com uma delicadeza que parece temer danificá-los. A

mesa, as cadeiras, a bandeja com uma leiteira, o açucareiro e o bule, a bacia com frutas e as xícaras aparecem sutilmente por trás do vidro opaco da cristaleira. Os diversos elementos nesta cena criam uma composição que remete a um espaço para refeições. Entretanto, não passa disso, apenas uma cena. Este espaço raramente era utilizado para refeições. O ambiente onde de fato aconteciam as grandes reuniões e refeições da casa é onde realizei a próxima instalação.

Diversas pessoas distribuídas ao redor da mesa, o convívio entre pessoas próximas e pessoas que se vem uma vez por ano, o som dos talheres, o som do arrastar de cadeiras, um ambiente preenchido pelos ruídos e gestos deste momento de reunião. Na parte de fora, colado à janela, o grande (em minha lembrança) cão que ronda à espreita de sobras e sobe no parapeito para espiar com curiosidade a movimentação humana. Como memória remanescente destes dias, trago o aroma do café para preencher este ambiente. Um elemento sensorial de agradável presença, o aroma que sinaliza a sobrevida da refeição, a prorrogação do momento coletivo em torno da mesa.

Neste espaço, tenho duas lembranças muito fortes, a mais recente é dele sendo utilizado como quarto de meu tio Luiz. Em minha memória, sua presença sempre se deu junto a esta casa, mesmo quando ele não morava nela. Durante um bom tempo, ele se ocupou de organizar os diversos objetos espalhados pela casa, assim como organizar e separar o acervo de livros de meu bisavô. E ele, assim como minha avó, teve o carinho de separar inúmeros materiais e equipamentos fotográficos de meu bisavô para mim. Guardo este gesto com muito apreço por saber que me foi confiada a posse de materiais que eram tão caros a meu bisavô e que são muito próximos do meu fazer artístico.¹⁸

Por isso, procurei criar um ambiente agradável de maneira a agradecer por esta relação de confiança e afeto, assim como ressaltar as memórias agradáveis daquele espaço,

¹⁸ Estes objetos integram a instalação apresentada no capítulo 5.

uma suave iluminação apenas pela janela, a vista das plantas, o objeto peculiar que se destaca em meio ao vazio do quarto, as singelas xícaras dispostas no objeto de ferro que podem ser intimamente observadas e o forte aroma do café que manifestava sua presença preenchendo todo o cômodo.

Como suporte para este café, utilizei uma base de ferro para vasos de planta que encontrei abandonado nos fundos da casa. Sua estrutura prendeu minha atenção imediatamente, é um objeto que em sua estética e composição entrega sua idade. Dada sua função, o pó do café fica de certa forma naturalizado ao se encontrar em pequenos recipientes ao longo do objeto e sua estética terrosa lembra a função primária do suporte para plantas. A instalação realizada neste cômodo leva o título de *Suporte para pós-refeições*¹⁹ (2018).

Em uma relação similar à do cômodo anterior, apresento este outro espaço onde realizei uma instalação sonora intitulada *Burburinhos*²⁰(2018). No passado, era neste espaço que realizávamos as refeições depois que a casa passou a ser habitada pela minha bisavó, apenas no andar superior, neste cômodo que foi adaptado para ser utilizado como uma cozinha. Ao contrário das refeições do cômodo anterior, que em minhas memórias sempre tinham uma grande conotação festiva, conversas simultâneas, vozes altas amplificadas pela arquitetura do cômodo, aqui as refeições possuíam um outro teor. Menor número de pessoas, espaço reduzido, mas também um grande aconchego, uma proximidade maior, um movimento mais intimista. Grande parte do cômodo era composta por uma mesa central e um conjunto de cadeiras que, por seu destaque demonstravam a função daquele espaço. Pelas paredes ficavam as fotos dos netos e bisnetos, diversos rostos jovens eternizados em suas cores saturadas e tamanhos padronizados.

¹⁹ Imagens 20-22

²⁰ Imagens 23- 31

Hoje, existe muito pouco que caracteriza aquele espaço, por algum motivo ele foi um dos que mais sofreu com a umidade e a ação do tempo, as paredes do teto possuem um aspecto sujo que afasta qualquer possível menção, à imagem de uma refeição agradável. Com este pensamento como base, realizei a instalação para este ambiente, trazendo alguns objetos específicos, dentre eles: uma pequena televisão portátil movida a pilhas e que encaixa sua alça perfeitamente na mão de quem a segura e, ainda, possui uma antena que deve ter quase três vezes o comprimento de seu corpo. O curioso é que recentemente tivemos o corte do sinal analógico de TV no Brasil, o que causou a morte da função primária deste dispositivo. Agora, quando ligada, a televisão indica apenas uma tarja vermelha ou verde, dependendo do tipo de sinal que você seleciona, a qual anda pela tela até voltar para o outro lado, em uma repetição eterna, uma procura inútil, tentando estabelecer uma conexão que não existe mais. Ela sabe onde deveria encontrar, porém, apesar de o lugar estar certo o tempo não está.

Os outros eletrônicos que trouxe são diversos rádios antigos, dispostos em forma de círculo pelo chão, criando um foco sonoro no centro do cômodo. Estes foram sintonizados em frequências onde não há sinal de nenhuma transmissão específica, gerando apenas um ruído branco, sons abstratos resultantes da soma de informações difusas. Também um sinal de ausência dentro do contexto do rádio. O ruído sonoro do rádio se soma ao ruído visual das manchas de mofo que tomam conta das paredes atualmente. Pequenos pontos de mofo de formatos e intensidade variadas dispostos por todas as paredes e pelo teto criam uma estranha padronagem natural. Já não se vê mais o branco liso da parede, apenas um intenso *petit poá* decadente.

O somatório dos diferentes elementos que se encontram neste ambiente procura evidenciar a sensação que tenho ao entrar neste cômodo e perceber, nestas paredes sujas e iluminação fria, que não consigo mais encontrar nenhum dos meus inúmeros sentimentos agradáveis que tive naquele ambiente, quando a casa era habitada pela minha bisavó.

4. REPETIR ATÉ QUEBRAR

E o suor escorre
Será que vai funcionar?
E a fita escapa.
Talvez não dê tensão suficiente..

E o durex não gruda
Aos poucos a estrutura toma forma.
Aos poucos abandona o chão e as paredes.
Aos poucos reivindica seu espaço dentro do quarto.

E se depois disso tudo não tocar?
E a cola quente solta da parede
Bom, já tá quase pronto agora.

Este outro cômodo da casa foi um dos espaços que menos apresentou resistência às minhas tentativas de trabalho. Acredito que seja por este espaço ser mais “neutro” para mim no sentido afetivo. Não tenho muitas lembranças quanto a ele que não sejam apenas de deixar minha mochila ali quando chegava para visitar e de alguns móveis dispostos no ambiente. Sendo assim, sinto que este foi um cômodo no qual pude deixar fluir de maneira mais natural a pesquisa sobre arte sonora que eu vinha desenvolvendo durante minha graduação. Como se neste espaço a casa me permitisse trazer minha bagagem, um cômodo cedido para mim, um espaço para me esparramar.

A instalação *Repetir até quebrar*²¹ (2018), que montei neste espaço da casa, parte do conceito de um Tape Loop, que é uma técnica de modificação de fitas *cassette* que consiste em cortar um trecho da fita e colar o início deste pedaço com seu final, de modo a criar uma forma circular que ao ser colocado de volta no interior da fita irá repetir o som do trecho selecionado. A partir disso, surge uma inquietação técnica, talvez um delírio de

²¹ Imagens 25-32

grandeza: seria possível crescer este *loop*, que normalmente possui meros segundos, e libertá-lo de sua contenção plástica para que seu interior eletromagnético pudesse preencher o ambiente não apenas com o som, mas com seus movimentos, com seu serpentear, com sua quase etérea materialidade? Pequenos pedaços de arame dobrados para formar ganchos, poças de cola quente para fixá-los na parede. O material é simples, mas é rápido e integra perfeitamente este pequeno e caótico *site-specific*.

Em um dado momento, adentrei uma parte crítica do meu fazer prático. O momento em que quase funciona. O som sai, a fita anda, mas nem sempre. Às vezes trava, engasga, revolta-se. Após o que pareceram meses em cima da parafernália, o momento de glória chega e a música não poderia ser melhor. Um instrumental fantasioso, como se eu acabasse de ter sido transportado para o jardim e os pássaros dançassem em minha volta, no estilo “*A Smile and a Song*”, na companhia da branca de neve e seus animais da floresta.

Repito o processo e, dessa vez, com muito mais facilidade, crio outra forma, desta vez horizontal. O que antes era apenas um quadrado, agora cria o espaço do cubo e traz consigo uma nova camada de som. As músicas entram em sincronia, saem, disputam, harmonizam. As pequenas diferenças de comprimento, assim como o atrito diferente nos ganchos, permitem que cada sistema funcione em seu próprio ritmo e, dentro das repetições, as variações ocorrem. As finas fitas ficam em seu constante movimento pelo espaço como micro rodovias em seu perpétuo tráfego, como *ouroboros* magnéticos em sua dança enjaulada, a repetição é a regra.

Para o ato final, o espaço recebe um convidado de honra. Diretamente de minha coleção pessoal, trago meu único vinil²², comprado em pré-venda via internet no ano de 2014. Ouço palmas efusivas da minha plateia imaginária. Este convidado é um exímio repetidor. Essa vocação está dentro de suas propriedades físicas, gravado em seu ser está o

²² Lazaretto. Jack White. 2014. Third man records

caminho para a repetição. Basta posicionar a agulha do toca discos em sua borda, que lá ela permanece em repetição. Um som agudo que se inicia rápido, mantém-se por alguns segundos enquanto imediatamente seu volume decai, um zumbido elétrico, uma abelha mecânica ao pé de minha orelha.

...zzzzóóiiinnnnzzzzóóiiinnnn...

Somando o som das duas fitas com o ruído do disco, tenho uma composição que será encantadoramente única durante alguns minutos. Tenho, finalmente, na minha frente em toda sua glória este sistema desengonçado. Ele repete até que não consiga mais, pois grande parte de seu maquinário é frágil, as fitas tendem a se romper, os motores tendem a travar, sua destruição precede seu funcionamento. Não sabemos se ele repete para lembrar ou se repete por esquecer.

Como um dos desdobramentos deste trabalho, tenho as fotografias feitas a partir da instalação, recortes imagéticos das linhas criadas pelas fitas e suas tensões, a degradação da fita pelo constante trajeto ao longo do dia, detalhes do mecanismo que deu vida à instalação sonora. Além destes, ainda guardo registros sonoros, arquivos digitais que cumprem a mesma função das fitas, o armazenamento da informação resultante do processo de degradação da passagem das fitas pelo mecanismo criado. Sonoridades que a repetição tornou abstratas.

Ainda escutando o ruído do quarto anterior, entro no cômodo ao lado. Aqui, a casa me dá pistas, indica-me caminhos. Atento a seus indicativos, percebo pedaços do reboco do teto que haviam caído. Dispostos no chão, estes grandes fragmentos com cor branca se destacavam da tonalidade da madeira. Desde o primeiro dia, cuidei para não pisar neles e assim, manter intactos aqueles indícios que o espaço me dava.

Passados alguns dias de trabalho, encontrei uma pilha de pedaços de vidro de tamanhos variados nos fundos da casa, suas formas irregulares chamaram minha atenção de imediato. Havia pontas que indicavam vetores ativos, curvas afiadas e uma leve tonalidade esverdeada. Sem saber exatamente onde utilizá-los, primeiro passei uma água neles e os levei para um agradável banho de sol no pátio enquanto encarava (com todo respeito) os fragmentos e pensava sobre eles.

Após algumas experimentações em outros espaços da casa, resolvi levá-los para este cômodo no segundo andar e depois de experimentá-los em diferentes disposições, ao fixá-los na parede com pequenos pregos criando tensões, senti que estava no caminho certo. As posições dos vidros, seguros por pequenos e escassos pregos, com suas pontas e formas dinâmicas apontando para diversas direções indicam a iminência do movimento (fig.68). São objetos que desejam a queda. Assim como antes tínhamos a repetição em relação à memória, agora temos os fragmentos. São memórias imprecisas, memórias que se partem. São diferentes pontas, tamanhos e formatos, frágeis e cortantes.

O único progresso para o vidro quebrado é continuar quebrando-o.

Embora os pregos aparentem segurar os fragmentos, suas posições e seus formatos não aceitam a inércia e se sustentam no limiar da queda. A fragilidade de seu posicionamento se apresenta também quando me posiciono próximo ao centro do cômodo. A movimentação de meu reflexo no vidro ao me posicionar no centro cria a sensação de que os fragmentos se movem, como se até mesmo a luz pudesse ser a catalisadora para sua movimentação ou até mesmo sua queda.

Fazem companhia aos fragmentos de vidro dois relógios de pedra, os quais estavam guardados nos fundos da casa. O primeiro é de uma pedra azul muito intensa e o segundo de uma pedra marrom. O relógio azul sofreu uma queda durante um dos dias de minha residência e, embora a pedra fosse rígida, ele imediatamente se partiu no chão em diversos pedaços.

Pessoalmente, a imagem do relógio possui grande peso e um simbolismo muito forte para mim. Nos últimos anos, tenho tido contato próximo com minha avó materna, portadora de *Alzheimer*. Caso você não saiba (eu não sabia), um dos exames para identificar doenças como o *Alzheimer* consiste em pedir à pessoa que desenhe um relógio. E é muito viva a lembrança do dia em que minha mãe me esperava sentada na cozinha, lá, ela me recebeu e pediu para que sentasse para conversar. Eu havia passado o dia na rua trabalhando e ela tinha levado minha avó para fazer alguns exames. Ela, então, deslizou na mesa a folha com o desenho do relógio.

O desenho feito por minha avó consistia em um relógio clássico de ponteiros, porém, continha a numeração das horas partindo do 1 até o 24.

Percebo que há uma compreensão do funcionamento e um esforço em repetir o que se lembra, entretanto, embora o conceito esteja correto, a imagem da memória e sua tradução nesta representação visual não se correlacionam com o objeto físico que faz parte do cotidiano e do imaginário popular. Observe a simplicidade deste teste: ele parte de algo tão banal como um relógio e nos faz perceber a sutileza do funcionamento da memória. Como um equívoco, que de certa forma é simples e não seria completamente um erro, pode evidenciar tão claramente algo que está escondido e ao mesmo tempo evidente?

Este foi um momento central. Nesse gesto, muita coisa foi dita sem nenhuma palavra. Foi confirmado um diagnóstico que traz consigo o medo. O medo do futuro próximo assim como do futuro distante.

Exatamente por isso, quando aquele relógio de pedra caiu no chão e quebrou-se durante meu trabalho na casa, eu apenas parei. Parei e fiquei assim por um bom tempo. Estava escuro e eu não via o relógio, porém, eu enxergava perfeitamente e entendia tudo o que aconteceu e tudo o que estava acontecendo. Sem nenhum esforço tudo vinha a mim e eu apenas percebia. E por fim eu ri. Ri do absurdo, da coincidência, da lembrança, do esquecimento, do todo e do fragmento.

Muitos desses conflitos, mudanças de percepções, memórias e outros tópicos trazidos à tona nestes trabalhos estão representados na imagem dos objetos apresentados. Tanto nas relações que se estabelecem entre suas materialidades e a memória, como no caso do vidro, quanto nas imagens sonoras que eles carregam. O ruído de um vidro quebrado é sempre muito impactante, é um som alto e definitivo, o som de algo que se parte além da possibilidade de retorno. Ao passo que pensar na sonoridade de dois relógios, um deles quebrado, é similar a criar a sonoridade deste relógio da figura anterior, um que contenha 24 horas diretas, com mais ruídos de engrenagem e mais marcações de tempo, mais “cliques” em menos intervalos, quase como um eco.

5. FORMAS DE VER

Procurar meu reflexo,
Registrar minha imagem,
Encontrar ângulos onde me observo.
Sem me ver.

Ter minha imagem fugaz como um vulto.
Uma imagem efêmera que reside no canto do olho.
Não é preciso ver para saber que ela está lá.
E que ela me observa.
Atentamente.

Você provavelmente já conviveu com alguém que tivesse o hábito de cantar no banheiro. Caso você não tenha convivido com alguém assim, talvez você seja essa pessoa. Um dos motivos que torna tão agradável, para si, o ato de cantar no banheiro se deve às propriedades acústicas deste tipo de cômodo. Nele, o som reverbera com maior facilidade, os ruídos ganham profundidade, duração e massa. Esta ideia de reverberação se manifesta diretamente na instalação realizada neste cômodo, o banheiro (fig.80).

Ao entrar no banheiro da casa, reparei que toda vez que precisava lavar as mãos, ao me virar para a esquerda para pegar a toalha, via-me de frente com minha própria imagem refletida em um espelho que estava estranhamente posicionado na parede dentro do box de banho. Essa relação da minha imagem com o movimento chamou minha atenção pela maneira como acontecia. Era algo acidental, mas milimetricamente perfeito. Era uma soma da relação da imagem do corpo frente ao espelho com a movimentação do corpo dentro do espaço. Após repetir algumas vezes o movimento, percebi que essa relação poderia ser ampliada com a colocação de mais espelhos em ângulos estratégicos do banheiro. Então, ao adicionar os espelhos, fui concebendo novas relações visuais, procurando criar uma maior dinâmica possível entre os pontos de reflexão das imagens naquele espaço através dos espelhos.

Acho muito interessante a sensação causada pelo constante confronto com minha imagem ao transitar pelo banheiro. Mesmo em um ambiente privado, essa exposição constante incomodava-me. Não havia mais ninguém ali. Mas ser constantemente confrontado com sua imagem de uma maneira quase onipresente é de fato algo que causa um desconforto. Acredito que seja por estar sofrendo uma imposição e um conflito imagético dentro de um cômodo que carrega a carga de ser um espaço privado. De qualquer forma, agora tenho a reverberação da minha imagem. O ‘espectador’ silencioso não está mais a salvo, a imagem também vira ruído e se espalha instantaneamente pelo espaço sem necessidade de autorização prévia.

Quanto ao design deste banheiro, acredito que ele seja como um recorte característico de um estilo muito popular de decoração de um certo período no Brasil. Os azulejos e suas cores têm uma familiaridade quase clichê. Os objetos que chamam minha atenção são os inúmeros detalhes em prata que podemos encontrar pelo espaço. E, destaco o elemento da prata como ponto convergente de diversos aspectos deste trabalho, afinal, a fotografia resultante desta instalação, onde as imagens se refletem, misturam-se e perdem o seu referencial original quando entramos cada vez mais nas reflexões criadas pelos espelhos. Espelhos estes que tem na sua composição a mesma prata intimamente ligada com a origem da fotografia e que se faz presente no ambiente, na composição dos inúmeros objetos que fazem parte deste banheiro na casa.

É nesta relação fotográfica que esta instalação se desdobra para outros apontamentos, tais como, a série de fotografias realizadas no espaço, as quais apresentam possibilidades imagéticas criadas a partir dos reflexos. Formam-se aí, composições onde o corpo some e se veem apenas os ângulos criados pelos reflexos, ou composições onde o corpo fotografado refletido é o protagonista, ou, ainda, outras vezes onde se perde o referencial de posicionamento ao se fotografar a reflexão dentro dela mesma. Estes

apontamentos são questões que pretendo aprofundar futuramente em minha trajetória profissional.

Vindo das relações fotográficas e de imagem do cômodo anterior, chegamos a um espaço dedicado à fotografia. Sendo um dos cômodos da casa mais próximo da sala de entrada no andar térreo, naturalmente este foi um dos primeiros ambientes com o qual comecei a trabalhar durante a minha residência. Este lugar que hoje está completamente branco, era um dos únicos na casa que se apresentava para mim como novo. As paredes brancas e o formato estreito do cômodo me lembravam os diversos fundos de estúdios fotográficos pelos quais passei. Novamente, então, um cômodo que se apresenta de certa forma neutro, sem fortes memórias ligadas a ele e sem grandes marcações antigas ou móveis, apenas este espaço dotado de um branco puro e atemporal, como um ambiente fora da casa. Então, inspirado pela pintura das paredes e o formato do espaço, levei meus equipamentos de fotografia e montei lá um pequeno estúdio fotográfico nos moldes clássicos de flashes, tripé de câmera e fundo branco.

Apesar deste uso “funcional” do equipamento de iluminação, interessei-me mais pela relação que os objetos criavam com aquele cômodo, pelo seu potencial de criar uma narrativa naquele espaço, quase como objetos cenográficos. Mantive-os sendo elementos compositivos da instalação que criei naquele ambiente e resolvi adicionar álbuns fotográficos de diversas gerações que estavam em minha posse, assim como a câmera que deixei disposta no ambiente que pertencia a meu bisavô, que habitou durante anos aquela casa. Ele também possuía uma grande paixão pela fotografia e acabei por herdar muito de seu equipamento fotográfico. Embora não o tenha conhecido pessoalmente, ter contato com sua produção fotográfica, mesmo que apenas em parte e, sobretudo criar a partir de suas câmeras, é para mim algo que me aproxima muito dele.

Dentre os álbuns dispostos para visualização estavam: um álbum de minha infância com diversas fotos de meus primeiros dias de vida, um álbum de fotografias tiradas por mim no início de meus estudos, um álbum de retratos de família feitos em grande maioria pelo meu bisavô, fotografias tiradas por ele de seu ambiente de trabalho e um último álbum com mais fotografias tiradas por ele para uma construção realizada por um amigo.

Procurei tornar este ambiente um espaço que representasse as diferentes relações de memória com a fotografia, suas possibilidades como registro, como ferramenta artística ou como objeto de afeto.

6. LUGAR DE OBJETO

A manifestação física da memória.

A textura.

O volume.

O peso.

O manuseio do objeto

A percepção de suas três dimensões

A compreensão tátil

O conforto de livrar o peso da memória
e armazená-lo em um pequeno item

O *corredor*, que antes era uma *cozinha* durante a minha residência artística, tornou-se uma galeria, um espaço expositivo, um espaço que a partir da sua constituição material e imagética torna-se o protagonista de sua estranha existência atual.

Com a minha imaginação, criei um azulejo verde. Visualizei-o mentalmente com muito cuidado com um matiz verde claro, mas intenso em sua *Verdetude*. O claro a que me refiro seria um verde que tende a uma viscosidade cremosa como se fosse composto 70% de pigmento verde e 30% de leite. É uma cor suave e agradável de certa forma, principalmente por ser um tanto leitosa.

Após criar o azulejo *Verdetude*, imaginei que, ao lado dele, bem coladinho a ele, existe outro idêntico. Certo. Interessante, não é mesmo? Eles ficam bonitinhos assim, fazendo um par gêmeo, dando uma continuidade a este minúsculo oceano Lácteo. Tirei alguns segundos para observar a beleza desta imagem.

Bom, precisava continuar antes que a imagem se perdesse. Agora, em um movimento muito natural, repliquei estes azulejos criando mais um par embaixo do par original. Tenho, assim, uma bela forma de um quadrado. Pois bem, agora um pouco mais distante de mim, à minha direita e também à minha esquerda, existem os mesmos quadrados e não preciso nem olhar para trás, pois sei que eles estão lá também. Subitamente, aquele pequeno “Oceano Lácteo”, que era apenas um quadrado, apenas uma janela, toma conta de todo o cômodo e eu me torno um pequeno náufrago à deriva, mas, então, em um momento triunfal, penso: ainda tenho o chão!

Este chão que está sob meus pés também é composto por pequenas formas geométricas que, desta vez, são muito mais ousadas que meros quadrados. Sim, tenho no chão formosos hexágonos! Eles se espalham como blocos formadores de uma fortaleza, como pequenos Brasões destituídos de símbolos. E, de que cor eles são? Claramente percebo que este cômodo é um lugar selvagem, uma experiência sensorial apenas para os mais aventureiros. Então, certamente não espero uma cor que seja suave ou derivada de materiais lácteos como a anterior. O que tenho sobre os meus pés é um “Vermelho Denso”. Preso na forma hexagonal, o vermelho cresce, acumula-se, aperta-se. Sua forma quase toma vida ao remeter a escamas de um gigante réptil que, através de sua cor, alerta o perigo que emana enquanto se movimenta debaixo dos meus pés ao mesmo tempo em que me sustenta.

Neste ambiente, eu precisava criar.

Novamente, foi um trabalho criado em conjunto com a casa. Andando pelos diversos ambientes, encontrei uma pilha de quadros abandonados. Ocorreu-me como era curioso ver vários objetos (quadros) que temos como certo que habitam as paredes, *andando* pelo chão. É como ver um pássaro rastejando. E apesar de temer que a “Besta Vermelha Hexagonal” que habita aquele cômodo pudesse devorar estes seres pictóricos, ainda assim acreditei que talvez pudessem conviver em algum tipo de “conflito

harmonioso” dentro do mesmo espaço, afinal, trata-se de uma exposição de arte, e como uma exposição de arte que se preze seria expressamente necessário que houvesse pinturas para serem observadas.

Organizei estes objetos de “arte legitimados”, que são também registros de gostos pessoais, de forma a conflitar com a ideia de galeria e disposição que temos no imaginário tradicional de um espaço expositivo. Agora, eles, tão acostumados a ser os protagonistas de lisas paredes, habituados a situar-se distantes do chão, encontram-se dispostos em um espaço de conflito, protagonistas agora de uma guerra sensorial.

Tendo em mente os quadros como objetos que passam por diversos donos, e que são escolhidos a partir de critérios pessoais para integrarem um espaço específico, venho para o segundo andar da casa discutir uma outra instalação que trata de uma estante que lá reside. Alojada em um pequeno corredor de localização central no andar superior da casa, fixada a parede, é impossível andar pelo segundo andar sem notá-la. Ela possui diversas marcações que consistem em combinações de letras e números que serviam para organizar metodicamente os livros que tinham esta estante como lar. Lembro do divertido exercício de um eu mais jovem procurar, dentre os inúmeros livros, títulos que já tivesse lido ou conhecesse. Entre eles, hoje em dia, lembro apenas de um: “*O Retrato de Dorian Gray*”, em uma linda edição de capa preta.

As prateleiras que a compõem sobem até o teto de uma maneira sistemática, adaptando-se ao espaço estreito, respeitando a moldura da porta ao lado e as limitações do pequeno corredor. Rapidamente soube o que deveria fazer neste espaço durante o período da minha residência. Este ambiente expositivo, mas ao mesmo tempo com vocação para ser um lugar de catalogação, poderia ser perfeitamente preenchido pelos mais diversos objetos que coletei ao longo dos anos, criando assim um arquivo aberto, composto pelos mais diversos dispositivos de memória.

Todos estes objetos, quando dentro da estante, criam o ambiente que eu desejo: um lugar onde se veem narrativas potenciais em cada um dos objetos que estão vinculados à estante, que convida a vivenciar as histórias e as possibilidades que ali se oferecem. Já não importa mais qual é a real origem deles ou o que eles significam para quem os escolheu, o fato de eles estarem em conjunto, em um espaço delimitado e à mostra presume uma certa curadoria e cuidado na escolha. Entretanto, sem saber individualmente o motivo de cada um para estar ali, a estante convida a criar narrativas, a buscar similaridades, memórias e relações em seus significados.

Ainda sobre este trabalho e demais relações estabelecidas com os objetos apresentados, gostaria de trazer um trecho da tese de mestrado “Cinco casas”, de Bruno Gularte Barreto. Neste trabalho, que também apresenta relações próximas às aqui apresentadas, trago, então, um trecho onde ele fala sobre lacunas, arquivo e autoficção:

dotar o trabalho de lacunas é disponibilizar espaços para o outro. Interessa aqui não somente a autoficção como a possibilidade de agregar elementos e formas às imagens que estejam dissociados tanto de ideias de produtividade quanto de imparcialidade, como que colocando nos relicários novos fragmentos que lhe são alheios no sentido em que alteram e, por vezes conduzem os que o cercam. Como se não se optasse por remontar apenas os cacos do espelho partido, tentando restaurar sua aparência original, mas sim com eles fazer um novo mosaico incluindo, por vezes, fragmentos de outros espelhos. (BARRETO, 2015, p.107)

Ainda tratando sobre objetos de grande valor pessoal, trago duas imagens²³ da pequena bolsa que acompanhava meu avô (materno) quando ele ia para o clube nadar. Fui muito impactado ao encontrar este objeto. É emocionante perceber como ele parece ter se perdido no tempo, todos os itens necessários para ir nadar no clube estão prontamente dispostos e organizados ali, à espera de seu dono como um cão que o espera sentado em frente à porta.

²³ Imagens 193-194

Sua metódica organização passa uma iminência e prontidão para seu uso. É interessante perceber como ele foi guardado por minha avó, protegido e mantido completamente intacto, um fragmento oriundo de uma mescla entre hábitos e rotinas congelado no tempo.

Aproveitando a discussão sobre objetos e livros na estante do corredor, vou ao cômodo anexo à casa, passando pelo pátio. Que espaço deslumbrante! Eram pilhas e pilhas de livros nas mais diversas línguas, dicionários, livros de medicina em coletâneas, enciclopédias ultrapassadas, coletâneas completas, encartes ilustrados de remédios, caixas de fita cassete, caixas de som, um pote de grafite para lapiseiras, um carrinho de controle remoto, catálogos de arte. Todos sobrepostos em camadas confusas e caóticas.

Incontáveis histórias estavam espalhadas pelas paredes, inúmeros significados e motivos a perder de vista. Este quarto, que durante muito tempo serviu como um grande depósito, hoje, encontra-se mais próximo de seu uso original: um grande espaço para leitura e conservação de livros, uma biblioteca particular.

Ao contrário dos ambientes anteriores, aqui o som se comporta de uma maneira diferente. Existe um nível maior de isolamento acústico. Cada som que se produz se encerra rapidamente e próximo a quem o emite. Pouco som entra, menos ainda sai. Para permitir ouvir o que o cômodo guarda, trouxe um toca fitas que permite acessar os diversos cassetes que se encontram no espaço²⁴. Gravações pessoais, reunião de negócios, MPB, música clássica com sobregravação de crianças conversando, enfim, uma coletânea rica e arbitrária, como algo que somente poderia ter sido feito por diversas mãos de diversos corpos.

Ironicamente, esta é uma área à qual só fui ter acesso este ano. Antes, nunca havia entrado nesse ambiente, era apenas uma peça externa à casa, que ficava nos fundos do pátio.

²⁴ Imagem 166

Desde a primeira vez que entrei ali, meu fascínio apenas cresceu. Como um bom aficionado por livros que sou, possuo também uma coleção de livros pela qual tenho muito afeto. Então, estar ali, para mim é como estar em um templo. Sendo assim, optei por manter quase tudo como encontrei no local, pois acredito que ali está resumido muito do que penso sobre coleções. É um lugar que sobreviveu ao tempo e coletou objetos de muitos dos que passaram por aquela casa. Ao olhar minuciosamente, podemos encontrar nomes e identificações de diferentes pessoas que depositaram lá algo de seu, algo de sua identidade, algo que não deveria ser descartado e, por fim, nunca o retirou. Aqui, existe um convite a olhar dentro deste local para os objetos que o constituem, para esta cápsula do tempo accidental.

Tudo aquilo que era distante o suficiente para ser tirado da rotina da casa, mas próximo o suficiente para não ser descartado, era atraído pela gravidade deste cômodo e, lá, tende a orbitar por décadas.

CONCLUSÃO

Embora minha graduação atual seja em licenciatura em artes visuais, sempre tive interesse por desenvolver pesquisa e produção como artista. E, ao longo de minha formação, encontrei espaço dentro do grupo de pesquisa OM-LAB²⁵, junto ao qual consegui experimentar com maior liberdade e vivenciar um espaço de troca e produção entre os meus colegas. Então, quando encontrei esta oportunidade de realizar uma residência artística dentro de um espaço tão rico, soube imediatamente que precisava fazê-lo. Sabia também que isto acabaria por tornar meu TCC uma produção muito mais voltada para minhas questões poéticas do que para as questões da minha formação enquanto futuro docente, entretanto, não conseguia conceber não agarrar esta oportunidade tão única.

Esta experiência como um todo foi muito intensa, tanto pela demanda de criar instalações para os diversos cômodos, quanto por estar lidando com questões tão pessoais. Sinto que, a partir dela, tenho muito potencial poético, o qual descobri ao investigar para meu trabalho enquanto artista visual. Este processo me permitiu descobrir novos rumos para minha produção poética, e a organização destes apontamentos dentro deste trabalho de conclusão me auxiliou a entender melhor como e por onde posso desdobrar esta pesquisa que aqui apresento.

Para encerrar este texto sobre a minha residência artística na casa, iremos onde tudo começa, a sala de entrada ²⁶da casa. Em algum momento, afinal, seja para entrar ou sair da residência, seria necessário passar por aqui. Neste espaço, montei uma instalação que desenvolvi na qual a casa de minha bisavó paterna recebe as memórias da casa de minha

²⁵ Ver sobre o grupo em: www.om-lab.com.br

²⁶ Imagens (191-195)

avó materna. Através dos objetos de ambas as casas, procuro estabelecer um diálogo neste ambiente de convivência. Neste lugar das lembranças, das idas e das vindas, os elementos conversam e trocam histórias de terras distantes. Há uma reunião fraterna onde as semelhanças aparecem e os temas das conversas se misturam.

A pilha de livros de um
a fotografia de outro
Os ossos dispostos
o projetor antigo
.

E por fim, junto a sala, existe uma porta.

Esta porta estranhamente permaneceu fechada durante toda minha residência. A porta é de um escritório pessoal de trabalho. Aqui, é permitido um breve acesso à intimidade do cômodo fechado através de um olho mágico instalado na porta. Através da ótica dessa pequena lente, vê-se o escritório com alguns porta-retratos, objetos de decoração e livros. Uma observação fugaz e pouco nítida, um mero vislumbre de questões e histórias muito longas para serem completamente compreendidas. Um bisbilhotar através da lente.

A pesquisa que aqui apresento será apresentada na forma de uma exposição no Centro Histórico-Cultural Santa Casa. Vejo-me obrigado a construir outras relações com os meus trabalhos ao deslocá-los para o espaço expositivo. E, em muitos sentidos, sinto que apenas agora estou saindo de dentro da casa, pois finalmente entendi o que estou levando de lá comigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 242 p.
- BARRETO, Bruno Gularte. **5 CASAS**: Fragmentos para pensar uma arqueologia de si. 2015. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Visuais, UFRGS, Porto Alegre, 2015.
- CARRASCOZA, João Anzanello; CARRASCOZA, Juliana Monteiro. **Catálogo de perdas**. São Paulo: Sesi-sp Editora, 2017.
- FOUCAULT, Michael. **Ditos e escritos III**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (978-85-218-0390-4).
- HAINBACH. **Hainbach Website**. Disponível em: <<https://www.hainbachmusik.com>>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- OLIVEIRA, Nicolas de; OXLEY, Nicola; PETRY, Michael. Installation art. Washington: Smithsonian Institution Press, 1994.
- RAFFO, Irina. **Interiores de mi familia**. 2014. Disponível em: <http://www.irinaraffo.com/images/public_html/pages/interiores.htm>. Acesso em: 13 mar. 2019.
- SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo: Unesp, 1997.
- TAYLOR, Randall. **Amulets**. Disponível em: <<http://www.amuletsmusic.com>>. Acesso em: 13 mar. 2019.